GUIA

DO

MUSEU MUNICIPAL DO PORTO

PORTO

TYPOGRAPHIA CENTRAL

172 — Rua das Flores — 176

—

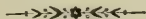
1902

Guia do Museu Municipal do Porto

GUIA

DO

MUSEU MUNICIPAL DO PORTO

Archeologia. Numismatica.
Ethnographia. Pintura. Esculptura. Artes decorativas.
Materiaes para a Historia do Museu.

PORTO
TYPOGRAPHIA CENTRAL
172 — Rua das Flores — 176

1902

Reaberto o Museu Municipal do Porto depois d'uma beneficiação geral das collecções, entendeu-se que seria de interesse publico a elaboração d'um *Guia* que summariasse a sua actual existencia mais efficazmente educativa. Na impossibilidade d'uma immediata transferencia para os novos alojamentos que lhe são attribuídos, com a imperscriptivel lentidão das revisões e organisação de catalogos especiaes e ainda em face d'uma presumivel remodelação d'este estabelecimento municipal, um indicador do que se exhibe com mais evidentes valores attenuará, porventura, o estado bem precario em que a instituição se ha mantido humildemente.

Além dos materiaes reunidos pelo primeiro conservador, e que opportunamente serão utilisados, importantes subsidios de estudo foram os que collígira e organisára o Ex.mo Snr. Joaquim de Vasconcellos quando

relator d'uma Commissão nomeada pela Ex.^{ma} Camara para o estudo d'uma reforma do Museu. Convidado a trazel-os, n'este ensejo, a publico, o eminente historiador e critico d'arte para logo se apressou em prestar mais este insigne serviço á sua terra e ao seu paiz. O seu trabalho e o do actual conservador — distinctos pelas numerações arabica e romana — são o prodromo dos futuros catalogos das secções; e desde já o publico interessado tem n'esta contribuição, nos trabalhos precedentes e na etiquetagem progressiva dos objectos archivados nos mostruarios, a demonstração de que o Museu do Porto, mesmo na sua humillima representação, não constitue, todavia, nem uma excrescencia burocratica, nem uma inutilidade manifesta.

Em appendices esclarece-se, com varios documentos, esta advertencia prévia.

ROCHA PEIXOTO

Conservador interino.

ARCHEOLOGIA

É licito affirmar-se que estacionaram as collecções do Museu nos ultimos cincoenta annos. A exiguidade de alojamento, de pessoal e de recursos, proclamada de longe e ainda subsistente, explica semelhante detenção perante o movimento scientifico ulterior; e a sua secção de antiguidades, mais que todas, mesmo incluíndo o medalheiro, traduz a penuria extrema em que se immobilisou o Museu, de ha muito já sem echo nem destaque.

Como ha meio seculo, esta secção comporta alguns objectos de archeologia egypcia, poucos mais das ruinas de Pompeia, uma estatueta pre-romana com legenda epigraphica

em idioma iberico e algumas peças ou fragmentos de mosaico e vasilhame romanos.

Posteriormente annexou-se-lhes um indigente mobiliario neolithico e das edades dos metaes, nacional ou sem origem conhecida, e bem assim a sepultura romana adquirida pelo municipio, que é a maxima preciosidade archeologica do Museu.

A numismatica, e principalmente as series celtiberica, romana, wisigothica e nacional, constituiu outr'ora uma das primeiras collecções do paiz; e sel-o-hia ainda hoje, porventura, com a sequencia de esforços e estimulos que impulsionaram o seu primeiro fundador. Esta secção, que terá no *Guia* referencias especiaes, é que avultará com algum relêvo a modestissima existencia archeologica do Museu.

De resto consigne-se que ainda não foram encontrados pelo actual conservador os titulos que authentiquem as peças do Egypto e de Pompeia. É de crer, em face do discernimento do fundador e das suas relações e fre-

quentes viagens no estrangeiro, que semelhantes objectos procedam da mais legitima origem; mas recordemos, emtanto, a multiplicidade e a maravilha das imitações, dos *falsos,* conforme o gallicismo já em uso.

Excluídas as moedas e medalhas, a totalidade da nossa existencia não abrange cem numeros, isto é, um algarismo infimo comparado com os dos pequenos museus municipaes de Alcacer do Sal, de Elvas, de Extremoz e de Santarem, com os estabelecimentos similares em formação de Braga e Bragança, e incomparavelmente mais deprimente em relação aos museus de Beja, Evora e Figueira da Foz e ainda dos de instituições particulares como os de Coimbra e Guimarães! Mesmo em Lamego, onde não existe museu, alguem dispoz, n'um terreno annexo á Bibliotheca, uma interessante serie de inscripções lapidares. O Museu do Porto, infelizmente, não possue, sequer, um exemplo corrente de epigraphia funeraria.

Revertendo ao labor archeologico dos ul-

timos trinta annos, durante os quaes as iniciativas particulares e as estancias officiaes teem promovido uma ampla exhumação dos despojos das civilisações findas, a despeito das intercadencias das primeiras e da avareza proverbial das restantes, afere-se, com maguada surpresa, a indigencia quasi inverosimil da collecção de antiguidades que possue a segunda cidade do reino!

Precisamente uma retumbante descoberta nos dominios da paleoethnologia originou a reunião, em Lisboa, d'uma eminente e douta assembleia de sabios de todos os paizes europeus. Depois — e já antes — exploraram-se, reconheceram-se e descreveram-se, por centenas, grutas e cavernas, dolmens e castros, templos e pontes, estatuas, aras, cippos e estelas votivas, armas e utensilios, enfeites e amuletos, vasta documentação pre e protohistorica reveladora de muitas centenas de povoações, de cemiterios, de minas e de estradas, da guerra e da industria, da religiosidade e do estado social primitivos.

Descreveu-se e archivou-se todo esse variadissimo mobiliario; figurou-se a inamovivel archeologia megalithica; permutaram-se photocopias, plantas, moldes, estampagens e calcos; crearam-se museus de provincia; formaram-se sociedades de antiquarios; vulgarisaram-se, pela monographia e pela revista, as explorações e os inqueritos; e, todavia, o Museu Municipal do Porto ficou alheio, como sob uma condemnação resignada e irreparavel, a este brilhante movimento contemporaneo!

Se não ha duvida que já é um pouco tarde para o Museu archivar documentos do passado que outros estabelecimentos similares se anteciparam piedosamente a recolher, sobejam ainda elementos no norte do paiz para a organisação de collecções muito instructivas. A acção directa do Museu, uma vez provido de recursos e de espaço, o systema das delegações para exploração e racolta, o estabelecimento de depositos mais ou menos longos das collecções particulares, as offertas

espontaneas derivadas do ensinamento e do estimulo, mesmo os legados, ao deante, compensariam acaso, n'um futuro ainda remoto, a inercia já tradicional em que se quedou o Museu do Porto — tantos os motivos sabidos que, não a justificando, todavia a explicam.

R. P.

I) Pre e Protohistoria

EDADE DA PEDRA

PERIODO NEOLITHICO

EPOCHA ROBENHAUSIANA

---

1. — Machado de pedra (diorite schistosa?), de secção rectangular. Loc. desc.

2. — Machado de pedra (diorite?), de secção elliptica. Loc.: S. Mamede de Riba Tua, districto de Villa Real.

3. — Ponta de dardo com pedunculo. Loc. desc.

4. — Instrumento de pedra polido.
Forma desconhecida na Europa. Provavelmente originario de algum *mound-bouilders* americano.

EDADE DO BRONZE

EPOCHA MORGIANA

5. — Machado chato de cobre com bordos rectos. Loc.: Portugal.

6 a 8 — Trez machados morgianos com talão e duplo annel. Locs.: um de Valença; os dois restantes de Santa Justa.

9. — Fragmentos de lamina de espada. Loc. desc.

EPOCHA LARNAUDIANA

10.—Machado larnaudiano com alvado quadrangular e duplo annel. Loc.: Candomil (Amarante).

11.—Ponta de lança, com nervura e alvado centraes. Loc. desc.

EDADE DO FERRO

EPOCHA HALSTATTIANA

12.—Corpo de fibula, de bronze. Loc. desc.

13.—Torques ou xorca. Loc. desc.

II) Egypcia

---

14. — **Estatueta funeraria.** Representação de mumia em miniatura nas attitudes e com os caracteres conhecidos: mãos cruzadas no peito e empunhando instrumentos agrarios, alvião e sacho; sacco das sementes pendente do hombro esquerdo e para traz; legenda epigraphica, porventura parte do cap. VI do *Livro dos mortos*, ritual que a egyptologia considera como remontando ao periodo memphita. Este typo de figurinhas funerarias começa a apparecer em grande numero a partir do segundo imperio thebano.

Altura do exemplar: 0^m,195. Faiança de esmalte verde, inexactamente chamada porcellana egypcia. Excellente estado de conservação. Data de ha 4 ou 5:000 annos.

15. — **Escaravelho sagrado.** Amuleto protector. Foi o mais frequente dos amuletos e, ou na superstição, ou como enfeite, surge abundantissimo por entre o mobiliario das sepulturas e em toda a especie de ornamentos picturaes ou plasticos.

Dimensões do exemplar: $0^m,072 \times 0^m,051$. Terra-cotta com esmalte azul. Inscripção na face inferior da base. Bom estado de conservação.

16. — **Isis amamentando Horus.** Data provavelmente dos tempos ptolomaicos. O culto de Horus desenvolve-se sobretudo na epocha dos Ptolomeus; o de Isis é o mais popular sob o imperio romano e prolonga-se até ao seculo VI da nossa era.

Altura: $0^m,076$. Orificio para suspensão. Faiança de esmalte verde. Perfeito estado.

17. — **Sebek.** Figura composita: mammifero

inclassificavel na attitude hominiana; larga e extensa trança ao longo do corpo; exaggerada proeminencia do ventre.
Simile no Museu de Boulaq (Veja **Perrot et Chipiez**, *Hist. de l'art dans l'antiquité*, I, *L'Egypte*.)
Altura: $0^m,060$. Annilha de suspensão. Faiança verde. Bom estado.

18. — **Bes.** Pequena esculptura do typo das que os antigos egypcios realisavam com intenção comica. Como anão ventrudo, de olhos e nadegueiros salientes e pernas curtas, é licito referir a estatueta ao deus Bes.
Altura: $0^m,056$. Argola de suspensão. Terra-cotta e esmalte verde. Magnifico estado de conservação.

19. — **Amuleto.** Pequeno amuleto ou enfeite, de forma geometrica regular mas inominada.
Mede $0,^m008$ de alto e tem orificio para se

usar suspenso. Mesma substancia e esmalte dos numeros precedentes. Bom estado.

20. — **Isis amamentando Horus.** Mesmo assumpto do n.º 16 pois que se trata de egual thema referente ás mesmas divindades. Repare-se, entretanto, na divergencia dos ornamentos da cabeça. Simile no Museu do Louvre (Veja *Ob. cit.*) mas com dimensões consideravelmente redusidas.

Altura: $0^m,100$. Bronze. Attenuação de algumas linhas por deterioração. Mutilação no ornamento alludido.

III) Iberica

---

21. — Estatueta de barro com inscripção em idioma iberico. N'uma antiga etiqueta exhibia-se o informe de que fôra encontrada, pelo fundador do Museu, no Alemtejo, em 1835.

IV) Romana e luso-romana

---

25. — Amuleto romano. Figa e phallus com perfurações para trez campainhas e outra para suspensão.
Loc.: Pompeia?

26 a 49. — Vinte e quatro vasos ceramicos de attribuída procedencia pompeiana, cinco dos quaes são lucernas.

50. — Terebratula romana de barro cosido.
Loc.: Sepultura explorada nas escavações de Italica, proximidades da moderna Sevilha (Andaluzia).

51. — Cabeça modelada em barro (pequena cariatide?)
Loc.: Ruinas de Italica.

52. — Fragmento de mosaico romano extrahido do pavimento d'umas thermas.
Loc.: Ruinas de Italica.

53 e 54. — Vasilhas romanas de barro.
Locs.: Uma de S. Christovão do Muro, proximidades de Alvarelhos; a outra, talvez d'uma necropole, da freguezia de Travanca, concelho de Amarante.

55. — Fragmentos de mosaico.
Loc.: Cetobriga (Troia de Setubal).

56. — Fragmentos de olaria romana.
Loc.: Gestaçô, concelho de Amarante.

57. — Fragmentos de *tegulæ, imbrex* e outra olaria romana.
Loc.: Castro luso-romano de Guifões, concelho de Bouças.

57-A. — Fragmentos de olaria romana.
Loc.: Cividade de Riodouro (Cabeceiras de Basto).

58 e 59. — Dois grossos tijolos romanos.
Loc.: Condeixa-a-Velha.

61. — **Mola manuaria.** De granito. Metade d'uma mó dormente e duas mós volantes.
Do castro luso-romano de Guifões, concelho de Bouças.

62. — Sarcophago romano.
É de marmore e encerrou, presumivelmente, os despojos d'um magistrado. Frente esculpida: medalhão central, genios alados, as quatro estações com os seus attributos, outras allegorias. Face posterior lisa. Vestigio algum epigraphico.
Primeiros seculos do imperio, verosimilmente.
Encontrado, em 1840, no Monte da Azinhei-

ra, concelho de Villa Nova de Reguengos, districto de Evora.

Os visitantes podem consultar, no edificio do Museu, a *Noticia e descripção de um sarcophago romano descoberto ha annos no Alemtejo* etc., (8.º, 32 pags., Porto, 1867) que sobre o interessante monumento funerario elaborou o illustre conservador extincto, Dr. Eduardo Augusto Allen.

ETHNOGRAPHIA

Durante um seculo affluíram aos museus, quando não os constituíam exclusivamente, todos os productos dos paizes e regiões extra-europeias, anciadamente appetecidos pela novidade estranha e mais ou menos vislumbrada desde as famosas viagens iniciadas no seculo xv. O espirito mercantil dos tempos aqueceu a incessante busca que, emfim, pejou os museus da Europa com os já incomportaveis materiaes que ensinam e explicam a multiplicidade de todos os estados sociaes da terra. E ao cabo d'essa tarefa custosa e ardua, reparou-se, não sem uma intima e singular percepção do desatino, que ficára por colligir precisamente o que cada paiz exhibia, natural e

espontaneo, como traducção do seu viver e do seu sentir.

Foi necessario que a profunda transformação operada no regimen politico e economico da Europa denunciasse, de modo progressivamente concreto, a subversão crescente dos Usos e Costumes, para que cuidasse cada qual de instruir, com os despojos subsistentes, os depoimentos que assignalam certas modalidades d'um viver que finda. A viação accelerada e outras facilidades de relações, a feição simplificadora, accessivel e extensiva de numerosas industrias que estão a extinguir as tradicionalmente existentes e já agonicas, outros factores ainda, tudo concorre e afinal resume o ar incaracteristico e cosmopolita que desnacionalisa e abastarda, pouco a pouco, innumeras manifestações da consciencia e da integridade nacionaes. Assim se explica por que em nações proverbialmente doutas se começa, a bem dizer, agora, o estudo dos seus typos de casas populares com a infinidade de accessorios caracteristicos —

quando, ha tantos annos, se está de posse da civilisação dos aztequés, de qualquer recondito abrasado da Africa central, ou d'uma perdida e longinqua ilha do Pacifico!

No mesmo espirito o Museu municipal reunira outr'ora a sua farragem africana e oriental; e a não se deterem os seus progressos, ha meio seculo, apresentaria hoje muita e curiosa coisa exotica, do mesmo passo que seria d'um mutismo eloquente — que o é! — uma vez inquirido sobre um resumo do genio ethnico portuguez.

Parado, o Museu apenas archiva o que, na realidade, constitue a bugiganga do preto e do chinez legada pelo fundador. Mas se espaço, mobilia e verba accudirem opportunamente, por certo que o objectivo da secção ethnographica radicará no proprio solo da patria, relegada para os museus coloniaes, creados ou a crear, a reunião systematica do que importa ao nosso saber e aos nossos interesses ultramarinos.

Os typos de habitação, serrana, ribeirinha,

ou littoral, com o pormenor do seu arcabouço e exterior architecturaes, a sua varia decoração, a sua distribuição chorographica, os seus annexos, como telheiros, curraes, eidos, mêdas, espigueiros, poços e pombaes; as capellas, as ermidas, os nichos, as alminhas, os cruzeiros, os pelourinhos, as fontes, os moínhos, as azenhas e as pontes; o mobiliario domestico caracteristico e tradicional e bem assim o vestuario, como a capa de honras de Miranda, o gabinardo, a nisa, o jaqué, a coroça, as pantalonas, os safões, as piucas, o capote alemtejano, a capucha de Barroso e da Cabreira, ou ainda o serrano do Soajo, de Arga, do Marão, da Gralheira e da Estrella, a castreja de Laboreiro, o jangadeiro de Anha, a camponeza de Perre, da Areosa, de Meadella e de Darque, a da Magdalena, a da Maia, a da Murtosa e a de Ovar, a ceifeira alemtejana, o ribatejano, o gandarez, o maiato, o ovarino, o mirandez e o poveiro; a alfaia agricola e suas modalidades regionaes nos carros, nos jugos, nos

arados, na cestaria e na ferraria; outra apeiría referente ao vinho, ao azeite, aos textis, á moagem, á leitaria, á apicultura, á sericultura e aos gados; a vida pastoril; a caça popular e suas armadilhas; as pescarias representadas pela variedade dos seus typos de rêdes e de barcos para a pesca do alto ou costeira, fluvial ou maritima; as industrias da pedra, da madeira, do ferro e outras, com suas ferramentas e engenhos, as suas officinas, as suas barracas de feirar, os seus variadissimos aspectos durante a occupação peculiar de cada uma; as mais modestas industrias populares, varias das quaes moribundas, como a olaria, a pregaria, a serralheria, a ourivesaria, a fiação, a tecelagem, a esculptura em barro e em madeira; a religiosidade — romarias, procissões, cirios, clamores e ladarios, imagens populares, registros, bentinhos, reliquias, palmas, medidas, ex-votos de cera, de madeira, de prata e oiro, *tabula votiva* e amuletos; tudo isto, ao natural ou em reducções, em moldes, em

photographias e em plantas, constituiría a somma de materiaes necessarios para se formar uma ideia do povo portuguez no que elle sabe, póde e faz, ou seja a significação e valor dos seus sentimentos e energias.

R. P.

ASIA

---

1 a 13. — Figurinhas chinezas esculpidas em pagodite (var. de esteatite).

14 a 17. — Figuras chinezas esculpidas em raízes, com apropriação dos relêvos dos vegetaes empregados. Analogias com as figurinhas de pagodite.

18. — Dois leões esculpidos em madeira. Presumivel origem chineza ou, sequer, oriental.

19. — Escudéla de madeira, com ornamentos vegetaes em relevo.
Procedencia oriental?

20 a 25.—Ventarolas. De vegetaes seccos.
Loc.: China.

26.—Guarda-sol de pennas.
Loc.: China?

27.—Guarda-sol de papel.
Loc.: Oriente.

28.—Ferro de brunir.
Loc.: China.

29.—Travesseirinha.
Loc.: China.

30—Sapatos de seda com bôrdo. Attribuem-se a uma mulher china da primeira nobreza.

31—Sapatos orientaes. De seda; bôrdo a oiro, seda e lantejoulas.
Loc.: China?

32 a 34.—Sapatos obtidos depois da campanha de Kabul (Afghanistan) ganha pelos inglezes. De pelle; bôrdo a palhão, etc.

35.—Chinelas. Couro e bôrdo.
Loc.: India?

36.— Arco e settas.
Loc.: Oriente.

37.—Caracteres chinezes manuscriptos. Em papel.

38.—Album comprehendendo 12 typos de barcos chins, pintados em papel de arroz.

39.—Album com 52 aguarellas representativas de trajes e costumes da India portugueza: gentío de varias castas, ferreiro, carpinteiro, pedreiro, santeiro, alfaiate, sa-

pateiro, barbeiro, padeiro, peixeiro, saleiro, louceira, lavadeira, fructeira, etc.

Pertenceu ao major Delorme Collaço, ajudante d'ordens do governador geral da India, o conde das Antas. A Delorme Collaço deve-se uma interessante collecção de reproducções dos retratos dos vice-reis da India existentes no palacio dos vice-reis, na Velha Goa.

AFRICA

---

40 a 49 – Tecidos de fibras vegetaes diversas.
Loc.: Africa?

50 a 54. – Tecidos de algodão e outros textis.
Loc.: Africa (Guiné portugueza?)

55.—Cestinhos. De vegetaes seccos.
Loc.: Senegambia portugueza.

56 e 57.—Dois chapeus de palha entrançada.
Loc.: Senegambia portugueza.

58. — Cestas exteriormente ornamentadas com numerosos exempláres de *Cypræa moneta*. De madeira.
Loc.: Africa.

59.—Sacco ou estojo. Adaptação da pelle d'um pescoço de avestruz.
Loc.: Africa.

60 a 63.—Rosarios: de contas e missangas polychromicas; de madeira; de ossos.
Loc.: Africa, presumivelmente.

64—Cachimbo. De madeira.
Loc.: Africa (portugueza?)

65—Alpercata. De coiro.
Loc.: Africa.

66 e 67.—Instrumentos musicos. Ferro e madeira; com ornamentos.
Loc.: Senegambia portugueza.

68.—Bastão figurando um ophidio. De madeira.
Loc.: Angola.

69.—Masso de madeira ornamentado com missangas de côres e desenhos geometricos incisos.
Loc.: Senegambia portugueza.

70 a 81.—Massos. De madeira.
Locs: Guiné, Senegambia, etc.

82 e 83.—Dois machados ornamentados com missangas polychromicas e varios exemplares de *Cypræa moneta*. Ferro e madeira.
Luc.: Senegambia portugueza.

84 a 92.—Machados. Ferro e madeira.
Locs.: quasi todos de Angola; alguns sem procedencia conhecida.

93 a 95.—Punhaes. Ferro e madeira.
Loc.: Africa (portugueza?).

96.—Faca. Ferro e madeira.
Loc.: Angola.

97.—Adaga e baínha. Ferro e couro.
Loc.: Angola.

98 e 99. – Espadas. Ferro.
Loc.: Africa (portugueza?).

100 e 101.—Lanças Ferro e madeira
Loc.: Senegambia portugueza.

102.—Aljava armada de couro com 13 settas hervadas.
Loc.: Senegambia portugueza.

103 a 120.—Flechas.
Locs.: Guiné e Senegambia portuguezas, etc.

121 e 122.– Forcados. De ferro.
Loc.: Senegambia portugueza.

123 e 124.—Polvarinhos. De madeira e chifre.
Loc.: Senegambia portugueza.

125.—Sacco militar. De coiro.
Loc.: Guiné portugueza.

ARTE INDUSTRIAL

(INTRODUCÇÃO)

A secção d'arte industrial do Museu é pequena; comtudo abrange objectos de grande valor.

Mas o que significa a expressão—*arte industrial?*—E' um termo generico que designa uma certa classe de productos industriaes em que os elementos das artes (esculptura e modelação, desenho e pintura) concorrem para o seu perfeito acabamento e sobretudo para a sua ornamentação; d'ahi o termo—*arte ornamental,* ou *arte decorativa,* o que tudo significa o mesmo que *arte industrial.*

Porém, como um objecto industrial antes de ser ornamentado tem de ser construido

nas devidas proporções e obedecer ás condições de solidez, de commodidade, de equilibrio, segue-se que ha tambem elementos *constructivos* a que attender, e não meramente decorativos.

Exemplifiquemos: uma cadeira póde ser construida com toda a segurança, mas sem arte. A cadeira do carpinteiro da aldeia — pinho, cerdeira ou castanho—está n'este caso. Passa o mesmo material para a villa. O marceneiro intervém e ornamenta a cadeira, entalhando-a, embora rusticamente; sujeita-a ao torno (typo de Aveiro, flamengo). Outro, do officio, péga em artefacto semelhante, enverniza-o de vermelho, pinta-o de flores garridas, como garridos são os lenços, aventaes e saias do povo—teremos a mesa alemtejana (Evora, Estremoz); tudo é arte domestica tradicional, popular, na sua ingenua, mas bella e commovente expressão, porque o mais pequeno traço é symbolico.

Passa a cadeira para a cidade; aqui, o marceneiro é o entalhador que sabe modelar e

riscar, embutir e folhear, guarnecer de metal, fingir, colorir; que sabe emfim calcular, combinar, compôr.

Todos os tres passaram da simples industria para a arte industrial, quer seja popular e ingenua, quer cidadã e erudita.

Poderiamos procurar uma analogia semelhante para todos os outros officios manuaes ou mecanicos.

E não é um capricho, mas um instincto esthetico que os leva a praticar assim a arte. O nosso povo ornamenta tudo, até as alfaias mais modestas do seu lar. A familia pratica a arte tradicional a seu modo. E não sabendo nada da grande arte, porque não frequenta museus, entende bem a arte decorativa, porque está em intimo contacto com a officina.

E' por ella que deveriamos ter iniciado ha meio seculo a propaganda, a educação esthetica do povo.

Que ha a dizer ou a melhorar, sob o ponto de vista do estylo ou da technica,

no *jugo dos bois* do lavrador minhoto, no cantaro de barro de Coimbra ou do Prado ou de Loulé (Algarve), que pelo simples contorno nos deleita?

Quem burila melhor, com uma rustica navalha, a colher do pastor, a cruz do pegureiro, ingenuo, mas engenhoso habitante da Serra da Estrella? Essa cruz, emmalhetada com arte singular, sem um prégo, sem colla, sem emenda, é ainda um producto espontaneo da mesma rustica navalha que serve para cortar o pão de centeio e não para ferir á traição! Fica bem a cruz, como um symbolo, posta á cabeceira de uma *cama de bancos,* onde se dorme sobre dura enxerga, bem pobre, mas onde não se dispensa certa linda coberta, por exemplo a manta de Urros, uma reminiscencia oriental.

Quem talha a róca de freixo, a poetica róca do *ruge-ruge!* cheia de caprichosos ornatos para a conversada decifrar e responder, e esculpe o *canhão* floreado de lineamentos plombiferos, não precisa que lhe ensinem a

arte erudita, como tambem a dispensam as mãos que fazem as rodilhas de Ovar, os aventaes de Vianna, as serguilhas d'aquelles montes estrellados de flores.

Esses artefactos attingiram a perfeição de lavor que é compativel com o seu modestissimo preço, quando o tem, porque muitos dos objectos mais interessantes da arte popular não se vendem: dão-se e fazem-se só para a pessoa amada!

Estão n'este caso os lenços bordados pelas noivas da Ria do Vouga, as rendas de malheiro de Aveiro, Setubal e Lagos, embora as rendas de bilro e de linho, a arte mais subtil de Vianna, Villa do Conde, Peniche e Setubal careça effectivamente de elementos de ensino, de organisação profissional e direcção methodica. O seu preço relativamente elevado, o seu destino social reclama mais arte, mais erudição e logicamente uma estylisação bem calculada.

Se é licito pedir mais engenho á obra que se fórma debaixo das mãos primorosas

das lavrantes de S. Cosme, de Gondomar e Fanzeres, apenas com o auxilio de um tosco massarico e um estirador, para nos apparecer transformada em subtil filigrana; se é bom aconselhar mais engenho no sentido da variedade e correção absoluta das fórmas, seria um grave erro impôr-lhes uma *moda*, a das officinas da cidade, que se lembrou já de estragar as fórmas consagradas pelos seculos: as argolas mouriscas, *de beira lisa*, as arrecadas, os brincos fusiformes, os fios de contas de infinitos lavores, os botões de amoras, os grilhões com a cruz de Malta, as borboletas, os corações esmaltados de amores perfeitos—emfim, todos os *mimos* do toucador da aldeia, que nossas mães ainda admiraram e de que levaram alguma lembrança para a sepultura.

Tudo isso é arte industrial, fructo de bom e são engenho, poesia e arte.

Descançam na caixinha de conchas, ao lado do rosario, o sagrado e o profano, porque o nosso povo, poeta, improvisador em

continua elaboração, confunde adoravelmente tudo na sua officina mysteriosa: a tradição, a mythologia e a religião; a veneração pelos seus santinhos, e a lembrança do *conversado*.

Quem se atreveu algum dia a corrigir-lhe os versos, o Cancioneiro, o Romanceiro incomparavel, a toada da viola, o *fado* mysterioso?

Com que direito lhe vamos nós, os eruditos, criticar o gosto tradicional e corrigir os *erros de estylo;* com que razão ides vós, os industriaes, os negociantes, impôr a vossa moda, que muda de idolo cada mez?

. . . .

Incumbe aos Museus pobres, de um paiz pobre, uma missão educadora, no sentido que indicamos; educar os sentidos, nobilitar os sentimentos e apurar o natural engenho, indiscutivel, da massa geral da classe popular, começando pelo respeito que se deve ás tradições artisticas da nação, a crystallisação da sua alma, na qual se resume tudo, desde o berço até ao esquife.

O alphabeto das formas da arte não lhe é menos indispensavel do que o alphabeto da cartilha, tanto para a vida intima, ideal, no lar, como para a vida pratica, na lucta furiosa, descaroavel, cruel!—da concorrencia economica.

E não é elle ainda—*analphabeto?*...

J. de V.

I Secção

ARTE INDUSTRIAL

VITRINE LATERAL A

N.º 1. O fundador do Museu João Allen; gesso modelado pelo original por Neri em Roma, 1827.

N.ºs 2—7. Mosaicos italianos *(pietra dura)*.

N.ºs 7-A. Mesa de gabinete (id.) Artefacto florentino.

N.ºs 8—13. Medalhões de *biscuit* (kaolim) do fabrico de Wedgwood, Inglaterra; assum-

ptos idyllicos e mythologicos. Estão assignados e são muito notaveis.

N.os 14—20. Retratos de D. Maria I em *biscuit*, chamados impropriamente «camapheus». Primeiros ensaios de porcellana portugueza, attribuidos ao general Bartholomeu da Costa em 1775. (Vejam-se os quadrinhos em *biscuit* n.os 22 e 23 da Vitrine **B**, representando a Estatua equestre de D. José. Raros, mas cerceados na orla; serviram em anneis e broches.

N.o 32. Santa Maria Magdalena. Esmalte francez sobre cobre, meado do sec. XVII. Bello exemplar.

N.os 33--42 e 48. Varias placas maiores e menores de esmalte sobre metal, destinadas, na maior parte, a caixinhas de confeites e de perfumes. Sec. XVIII.

N.os 43—47. Caixas de relogios esmaltadas. Segunda metade do sec. XVIII. Repare-se no n.º 44.

N.º 49. Relogio em forma octogona em caixa de crystal de rocha, tambem octogona. Guarnições da caixa em cobre dourado, lavradas; mostrador idem, finamente burilado (2.ª metade do sec. XVI). Caixa antiga com forro de seda verde. Forma conhecida sob o nome: *ovo de Nüremberg*, (logar do fabrico — Allemanha). Muito raro; exemplar precioso. Dim. 0,4c × 0,3c.

N.os 50—53. Caixas vasias para rapé. O n.º 50 tem o nome do possuidor, gravado na madre-perola: *D. Carlos Simon Pontero.* Modelo curioso do principio do sec. XVIII.

N.os 59—72. Collecção de leques muito preciosa. Pertencem a varios estylos e procedencias. Eis uma classificação summaria, pela ordem do seu merito:

Leques grandes:
- N.os 60, 63, 61; Luiz xv.
- N.os 62 e 72 Damnificados, sobretudo o segundo; estylo Luiz xvi.
- N.os 71 e 59 (imitações hespanholas modernas, de typos do sec. xviii).

Leques menores. N.os 65 e 69. Estylo *empire*.

Id. N.os 64, 66 e 68. Lavor oriental e chinez; notavel o n.º 66.

N.os 73 e 74. Pentes de massa, altos, para senhora. Fim do sec. xviii. Fingem tartaruga.

N.os 75—85. Objectos menores em cobre e bronze. Repare-se no quadro n.º 75, *Pietà*, alto relevo em cobre dourado, repuxado.

N.º 78. *S. Bento,* bronze fundido, dourado e esmaltado.

N.º 79. *S. Pedro* id.

N.º 83. Campainha de bronze; assignada: IOHANNE A FINE A.º 1554 ME FECIT. Estylo da Renascença. Temos visto mais exemplares do mesmo typo, imitações modernas.

N.º 86. Argolas romanas, de ouro massiço, para mulher.

N.º 87. Annel episcopal (?) visigothico. Todo de ouro massiço. Sinete octogono, com

a legenda ✠ EMMANVEL; no centro uma sardonia antiga, com um leão gravado. Na orla a legenda ✠ PA | XF | ID | SE | TC AR | IT | AS | em oito secções. Leia-se: *pax, fides et caritas* — paz, fé e caridade. Exemplar de grande valor archeologico. Sec. x. (?)

N.os 88—93. Anneis grandes do fim do sec. XVIII, com pedras preciosas imitadas. Notavel o n.º 90, com emblema pastoril, formado de aljofares.

N.os 94—102. Differentes *Nautilus Pompilius*, gravados a buril; tres estão montados em prata. O mais notavel é o n.º 99, meado do sec. XVII. De uso profano e religioso.

N.os 103 e 104. Duas conchas de madreperola com assumptos sacros: *Mater do-*

lorosa; S. Francisco Romano, meado do sec. XVII.

N.os 106—110. Baixos relevos em marfim, vasados, forma oval, representando as quatro estações; Zephiro e Flora (este ultimo, redondo).

N.os 113 e 114. Sello de El-Rei D. Diniz (1279-1325). Molde em gesso, fingindo cêra.

N.os 119 e 120. Vaso, esmalte sobre cobre; taça idem. Productos chinezes.

N.os 121 e 122. *Bonbonières* (caixinhas para confeites) esmalte em cobre; uma do fim do sec. XVIII; a outra oriental, moderna.

N.º 125. Theses de Theologia impressas em um veu de calice. Gorgorão de seda côr de

rosa com renda de prata. Em Coimbra, no Real Collegio das Artes, 1740.

N.º 126. Livro d'horas em linguagem flamenga, com grande profusão de illuminuras; estylo do principio do sec. XVI. Exemplar de valor. A encadernação, com fechos de prata, é da 1.ª metade do sec. XVII.

N.º 127. Baixo relevo em buxo, representando a fugida para o Egypto. Trabalho flamengo do meado do sec. XVII; de merecimento.

II Secção

NUMISMATICA NACIONAL

A) MOEDAS
B) MEDALHAS

VITRINE CENTRAL B

Esta vitrine contém:

1.º **A grande collecção de numismatica portugueza.**

Não ha catalogo especial d'ella, mas pode o visitante (que de resto a encontrará disposta em ordem rigorosamente chronologica, com as rubricas e designações dos reinados) se fôr estudioso, recorrer á monographia de Teixeira de Aragão, citada no *Appendice bibliographico.*

Advertiremos, comtudo, o visitante que a collecção do Museu é a segunda ou terceira

do Reino em riqueza, sendo a primeira a de S. M. El Rei no Palacio da Ajuda, creada pelo fallecido monarcha D. Luiz, que comprou a antiga collecção Aragão, salvando-a para o paiz; a immediata era a de Ferreira Carmo, no Porto, hoje do Sr. Dr. Ayres de Campos, em Coimbra. De ambos ha catalogos. (Vid. *Appendice bibliographico.*)

A apreciação do merecimento das moedas não obedece somente a considerações sobre o valor intrinseco do metal.

Ha pequenas moedas de cobre nacionaes, antigas que valem 10, 20 e 30$000 réis, como os dobrões de ouro de D. João V. Regula o valor, n'estes casos, o criterio da raridade. Até algumas modernas de cobre são já preciosidades. E' por exemplo muito rara a moeda de *cinco reis,* cobre, de D. Maria II, anno de 1850. Vale pelo menos oitocentas vezes o valor do curso legal, isto é: 4000 a 4500; a moeda de tres reis de D. José (Açores), anno de 1750, é rarissima. Pode valer 5000 reis, etc.

Toda a serie tem a indicação dos exemplares raros; por ser uma especialidade do dominio dos eruditos, não fizemos aqui especial menção d'ellas.

2.° **As moedas da India e Africa portuguezas.**

Ha um catalogo cuidadosamente feito pelo guarda do Museu sr. Manoel Joaquim Pereira, a que o visitante poderá recorrer.

3.° **Collecção de medalhas e condecorações portuguezas e algumas estrangeiras, mas relativas a Portugal e a factos da nossa historia.**

Ha catalogo especial d'este grupo, devido ao zelo do guarda do Museu sr. Manoel Joaquim Pereira. Abrange 321 numeros, e descreve cuidadosamente. Em outro logar e occasião se deverá chamar a attenção dos artistas e artifices para o merecimento e para os defeitos dos exemplares expostos, sobretudo para os meritos dos especimens nacionaes sob o ponto de vista decorativo, sym-

bolico e ethnographico; sua relação com a gravura em cobre coeva, de um lado, e a epigraphia monumental, do outro. Geralmente, os numismatas descuram estes aspectos da sciencia, limitando-se á parte historica e economica.

III Secção

PINTURA

A) MINIATURAS
B) DESENHOS AUTOGRAPHOS NACIONAES
E ESTRANGEIROS

VITRINE LATERAL C

Collecção de retratos menores, historicos, na maior parte miniaturas, em marfim e em cobre, meio corpo.

Serie do sec. XVII e XVIII. Seis quadrinhos em caixilhos de talha dourada; estylo baroque e rococo. Muito interessante a obra de talha. O valor da pintura varia. O maior tem as seguintes dimensões: $0,19^c \times 13\,{}^1/_2{}^c$; o menor $0,12^c \times 0,13^c$. São os n.^{os} 239, 241, 243, 100 e dous sem numero; um d'elles quebrado.

N.º 623. El-Rei D. João VI.

N.º 622. Barão de Villa-Secca. Enviado extraordinario e Ministro plenipotenciario no Congresso de Vienna de 1815, companheiro de Palmella. Bello Retrato.

Serie do sec. XVI e XVII, em cobre.

N.º 621. Dama com veu branco. Meado do sec. XVI. Muito interessante, n'uma caixinha (estojo) de ébano, a que falta infelizmente a tampa, a qual devia conter o nome ou o brazão da pessoa retratada. Ha outro do mesmo genero no Museu da Bibliotheca d'Evora (antiga, do Arcebispo Cenaculo).

N.º 612. Retrato. Homem da côrte. Estylo Luiz XIV.

N.º 614. Id. Dama, sec. XVII.

N.º 613. Id. Homem da côrte, com barrete. Traje do sec. XVI.

N.º 267. Id. Cavalleiro. Veste armadura, ricamente lavrada; ao peito a cruz de Christo, pendente. Sec. XVI.

N.º 151. Id. Dama, com gola de rendas. Sec. XVII.

S. n. Dama *à Maintenon* (sec. XVII).

N.º 624. Id. Senhora com touca de renda e vestido azul. Epoca de 1830-40. Muito bom.

N.º 237. Id. Homem com traje á «Werther» (Goethe), fim do sec. XVIII. Muito bom.

S. n. Id. Ecclesiastico inglez. Consta ser um membro da familia Archer, do Porto.

N.º 628. Estudo do nú (mulher). Não parece retrato.

N.º 265. Retratos. Miniatura dupla (ambos os lados). Homem de golilha branca; no verso, outro retrato com golilha azul (sec. XVII?).

N.º 163. Retrato. (1840-1850).

B — DESENHOS AUTOGRAPHOS, DE ARTISTAS NACIONAES E ESTRANGEIROS

Desenhos do Museu

N.º 638. **D. Antonio de Sequeira.**—Cabeça á Rembrandt, com turbante. *Crayon preto.*

N.º 639. **Vieira Lusitano.** A ultima ceia do Senhor. Assign. Mafra, 1761. *Sanguina.*

N.º 636. **A. Roquemont.**—Estudo do nú (Academia). *Carvão.*

N.º 505. **Sendim.** Dom Fuas Rompinho, ou o primeiro triumpho naval dos portuguezes. Pertence á serie: *Quadros historicos*, de A. F. de Castilho. *Aguada a tinta da China.*

N.º 632. **Anonymo**.—Cincinato, arando um campo. *Ag. a tinta da China.*

Desenhos da collecção de Joaquim de Vasconcellos

(Os numeros são os da sua collecção)

N.º 4759. Martyrio de Santo Estevão. Esc. flamenga do sec. XVII. *Tinta da China com realces de crayon branco.*

N.º 2113. **Aragão**. Retrato de J. B. Ribeiro, professor, Director e Lente de desenho da Real Academia do Commercio e Marinha do Porto (hoje Academia Polytechnica), e discipulo de Sequeira. *Desenho a lapis, realçado de sanguina.*

N.º 4769. Sacra familia. Escola de Corregio. *Sanguina.*

N.º 4760. Orpheu e Pan. Aquelle tocando rabeca, no meio de um arvoredo, Esc. de Giulio Romano. *Tinta.*

N. 4768. **Goltzius.** (?). Figura allegorica. Sec. XVII. *Lapis, com realces a sanguina.*

N.º 4797. **Cavalleiro de Faria.** Uma kermesse (feira popular) genero flamengo.

N.º 4798. **O mesmo.** Ruinas, com figuras de cavalleiros.

N.º 4799. **O mesmo.** Vista de um grande parque. Assign. *Eques Faria, 1770, inv. et fecit.* Todos os tres desenhos á penna são autographos de muito merecimento. Sobre o auctor. Vid. Raczynski. *Diction.* pag. 39 e 83.

O colleccionador possue uma serie de trinta desenhos d'este artista, que tambem gravou em cobre e a agua forte.

N.º 2130, Desenhos decorativos, coloridos; aguarella e tinta da China combinadas. Tecto de um palacio, estylo Luiz XVI. Genero pompeiano *(só á penna)*.

N.º 2131. Tecto, mesmo estylo. *A' penna, e colorido.*

N.º 2133. Tecto, mesmo estylo; mesma execução.

N.º 2136. Capella em obra de talha. Estylo do principio do sec. XVIII.
São muito raros estes desenhos portuguezes de arte industrial. *A' penna.*

N.º 2110. **Cavalleiro de Faria**. Encontro de cavalleiros em jornada. Estylo de Wouvermanns. *A' penna.*

N.º 2087. **D. Antonio de Sequeira**. A Fé. *A' penna, sombreada a tinta da China.*

N.º 2089. **O mesmo**. Nossa Senhora com o Menino Jesus. *Esboço a carvão.*

N.º 2088. **O mesmo**. *Esboço á penna.*

N.º 2086. **O mesmo**. Apotheose de Junot. *A' penna.* Vide o quadro do Museu n.º 403. sala II; e tambem a biographia do celebre pintor por J. de Vasconcellos, no *Plutarcho portuguez.*

N.º 2085. **O mesmo**. Retrato de D. Miguel.

Só a cabeça, com chapeu de bicos. *Carvão a esfuminho.* E' um primor d'arte.

N.º 2103. **J. V. de Freitas.** *Desenho á penna,* representando uma estatua de Miguel Angelo. Imita perfeitamente uma gravura em cobre.

c) QUADROS PORTUGUEZES

Advertencia

A não ser no Museu Nacional em Lisboa (Palacio das Janellas Verdes — ou Pombal) não ha em todo o paiz collecção publica que possua tantos quadros nacionaes de valor. Sómente depois d'esta é que póde collocar-se a collecção do Museu Cenaculo na Bibliotheca d'Evora. São ao todo 75.

Citaremos só uma parte (52) e n'este grupo reduzido descreveremos resumidamente

só os mais salientes (cerca de trinta). O visitante não encontrará difficuldade em entender os assumptos facillimos dos restantes quadros. No fim d'esta Advertencia vae a Relação completa por autores.

O elencho dá para a Sala I vinte e seis quadros; para a Sala II treze; para a Sala III outros tantos

O fundador Allen teve o patriotismo e o criterio de colleccionar e escolher a tempo. E' certo que alguns são de pouco valor, em sentido absoluto. Para nós, portuguezes, que somos pobres, na pintura do sec. XVII e XIX (tendo aliás produzido notaveis quadros no sec. XV, XVI, e ainda no sec. XVIII) essas mesmas telas de pouco valor, que uma galeria medianamente rica relegaria, como refugo para o *grenier*, teem todas a significação que se liga a *reliquias de familia.*

Não é aqui o logar para dar explicações sobre este singular phenomeno: como uma escola de pintura, que nos legou joias valiosas d'arte no sec. XV e XVI, desappareceu

quasi subitamente no sec. XVII; como no sec. XVIII se manifestou apenas em individualidades isoladas, que o favor do Rei e das grandes familias ajudou a educar no estrangeiro, sem conseguirem fazer renascer, com tal amparo, aliás valioso, uma tradição nacional; como no sec. XIX se tentou nova resurreição, incerta, dubia e contradictoria nas suas manifestações.

Seria escrever um resumo de historia da arte nacional, improprio n'um modesto *Guia*. O que pretendemos é: primeiro, despertar a curiosidade de ver; e depois o desejo de fazer justiça ao que é nosso.

Mencionámos como portuguezes dous artistas que o não são, mas que podemos classificar quasi como nacionalisados. Pillement e Roquemont; aquelle, francez do fim do sec. XVIII; este, allemão (de Hessen), da primeira metade do sec. XIX. Ambos trabalharam principalmente em Portugal e deixaram entre nós rasto sensivel, por meio de numerosos e bons discipulos. Roquemont jaz

no cemiterio do Repouso (fall. em 1852 com 47 annos.)

Na Sala I deve o visitante reparar nos bellissimos quadros *a pastel* de Pillement (paysagens).

Na Sala II existem dous deliciosos quadrinhos — duas imagens de Nossa Senhora com o menino Jesus, da antiga Escola portugueza do principio do sec. XVI.

Faremos primeiro a relação geral dos auctores e depois a lista especial dos quadros mais notaveis, seguindo pelo lado *Norte* (á direita do visitante, quando entra) para o lado *Sul,* depois *Nascente* e *Poente.* Descreveremos sómente os mais salientes das listas, que não representam, de resto senão uma parte (52) da totalidade dos quadros portuguezes (75). Entende-se que os quadros são a *oleo* e em *téla* quando não se faça menção especial do contrario. Não indicamos as dimensões, nem reproduzimos as assignaturas e monogrammas porque isso pertence ao Catalogo desenvolvido. Reduzimos

as descripções e a critica ao minimo. Segue o Indice geral de todos os quadros portuguezes; depois o agrupamento por Salas.

Relação geral dos auctores

Sala I

LISTA ESPECIAL DOS QUADROS

Lado Norte

N.º 601 e 602 }
» 631 }
» 632 } Augusto Roquemont.
» 634 }
» 636 }
» 637 }

N.º 603 F. J. Rezende.

N.º 600 João Ant. Corrêa.

S. n. J. V. Ribeiro.

S. n. João Ant. Corrêa.

N.º 619 Domingos Antonio de Sequeira.

N.º 606 Marques d'Oliveira.

N.º 604 Arthur Loureiro.

N.º 604. **Arthur Loureiro.** — Artista portuguez, contemporaneo. Vive na Australia. Paysagem no Alfeite, Ribatejo. Comprado em 1873.

N.º 602. **Augusto Rcquemont.**—(1805+1852) Artista allemão, que trabalhou em Portugal desde 1830. Pintou retratos notaveis e costumes populares. O seu retrato, offerecido pelo pintor F. J. Rezende em 1890, encontra-se em o n.º 637.

Ha mais quadros d'este notavel artista no Museu por ex. n.os 601, 631, 632, 634, 636 e 637.

N.º 600. **João Ant. Corrêa.** — Ex-director da Academia de Bellas Artes do Porto, fallecido em 1897. Retrato do Dr. Paulino de Oliveira, natural de Gôa, feito em Paris; offerecido em 1858.

S. n. **O mesmo.** — Retrato do celebre pintor Rembrandt (sec. XVII) feito em Paris.

N.º 606. **Marques de Oliveira.** — Artista contemporaneo. Prof. da Academia de Bellas Artes. Scena de interior, familiar.

S. n. **J. Vict. Ribeiro.** — Artista contemporaneo. Um martyr christão. Scena da historia romana.

LISTA ESPECIAL DOS QUADROS

Lado Sul

N.º 35 }
» 41 } Pillement.
» 46 }

N.º 33 }
» 37 } Copiado de Pillement.

N.º 3 Ferreira.

N.º 3. **José Francisco Ferreira.**
Vaso com fructos e flores. Assign. *J. F. Ferreira inv. e. Porto 1821.*

N.º 35. **J. Pillement.**—Pintor francez notavel (1719+1810). Esteve em Portugal por differentes vezes e deixou bons discipulos.

Marinha. Veja no mesmo lado os n.os 41 e 46.

LISTA ESPECIAL DOS QUADROS

Lado Nascente

N.º 112. **Domingos Francisco Vieira.**—Pintor de paizagem (pae de Vieira Portuense). Foi imitador de Pillement, que aqui residiu em 1782. Scena mythologica, n'uma paizagem. Latona, com seus dois filhos Apollo e Diana implora a vingança de Jupiter contra os lavradores da Lycia, que lhe turvavam a agua, quando pretendia beber. São transformados em rãs.

LISTA ESPECIAL DOS QUADROS

Lado Poente

N.º 54 João Francisco dos Guimarães.

N.º 81. Vieira Portuense.

N.º 116. Idem.

N.º 100. Anonymo. F. V. Nac. (?).

N.º 90. J. da Cunha Taborda.

N.º 54. **João Francisco dos Guimarães.**—Retrato do Marquez de Pombal. O ministro sentado no atrio de um palacio, aponta

para uma armada que leva os Jesuitas, expulsos do Reino. Copia de uma gravura coeva, muito conhecida. Assign. data 1789.

N.º 81. **Vieira Portuense.** — A fuga de Margarida de Anjou. Episodio das luctas civis da Inglaterra: *Guerra da Rosa branca e vermelha* (1464). A Rainha, desthronada, mulher de Henrique VI salva seus filhos, convertendo os bandidos que a perseguem. Quadro notavel, que obteve premio n'um concurso publico, feito em Inglaterra, onde o artista foi muito estimado.

N.º 90. **J. da Cunha Taborda.** — Reconciliação do Infante D. Affonso com seu pae El-Rei D. Diniz, junto do campo de Leiria, por intervenção da Rainha Santa Izabel.

N.º 100. **Anonymo.** — Nac. (?) Fructos. Assignado F. V.

N.º 116. **Vieira Portuense.** — Marinha. Copiado de Vernet.

Sala II

LISTA ESPECIAL DOS QUADROS

Lado Norte

N.º 223. Joaquim Raphael.

N.º 387. Pillement.

N.º 223. **Joaquim Raphael.**—Prof. da Academia de Lisboa. Sec. XIX. Allegoria á morte de Napoleão I.

N.º 387. **Pillement.**—Prova de vinho n'um armazem do Porto. Assign. 1783.

LISTA ESPECIAL DOS QUADROS

Lado Sul

N.º 165. **Dom. Franc. Vieira.** — Scena da Biblia. Christo com os dous discipulos á mesa, na casa d'Emaús, (Segundo o Evang. de São Lucas c. XXIV).

LISTA ESPECIAL DOS QUADROS

Lado Nascente

N.º 159 / » 266 — Pillement.

N.º 215 / » 343 — Escola antiga portugueza, em taboa.

N.º 159. **Pillement.** — Paizagem com gados. Pintura a pastel, muito notavel. Vid. os n.os 199, 221 e 266, não menos preciosos.

N.º 215. Nossa Senhora com o menino Jesus. Escola portugueza do principio do sec. XVI. Influencia flamenga. Typo *Frei Carlos.*

N.º 343. Mesmo assumpto. Mesma Escola e epoca, mas de outra mão. Ambos os quadrinhos são muito notaveis e de grande valor, sobretudo o n.º 215.

LISTA ESPECIAL DOS QUADROS

Lado Poente

N.º 199 } Pillement.
» 221 }

N.º 195. Vieira Portuense.

N.º 160 }
» 169 } Escola antiga portugueza.

N.º 404. Dom. Antonio de Sequeira.

N.º 199. **Pillement.** Paizagem. Pintura a pastel.

N.º 221. Scena de Naufragio. Idem.

São composições notaveis, n'uma technica muito subtil e difficultosa.

N.º 195. **Vieira Portuense** (1765-1805). Chamado *Portuense* não só por ser natural do Porto, mas para o distinguirem do Vieira Lusitano, artista celebre do meado do sec. XVIII (nascido em 1699). Para a sua biographia vide Raczynski, *Diction.* pag. 299.

Jesus crucificado. Um dos quadros mais notaveis do Museu, e certamente uma obra de grande merito.

N.º 160. Antiga escola portugueza. Meado do sec. XVI. Influencia allemã-flamenga. Com o n.º 169 formava os dous lados de um triptyco. A peça central falta. O n.º 160 é a Apresentação do menino Jesus no Templo; o outro o Nascimento.

N.º 403. **Dom. Antonio de Sequeira.** O general Junot soccorrendo a cidade de Lisboa, symbolisada n'uma mulher quasi desfallecida, que o Genio da Patria anima e apresenta ao general. Este quadro deu logar a um ruidoso processo de alta traição, promovido pelos émulos do celebre pintor perante a Regencia do Reino, por ser a apotheose do invasor francez. Vide a biographia de Sequeira por J. de Vasconcellos no *Plutarcho Portuguez*, onde esta

tela, que a tradição dava como destruida, foi commentada pela primeira vez.

Sala III

Lado Norte

N.º 415. Pillement.

N.º 366 } Joaquim Manoel da Rocha.
» 368 }

N.º 415. **Pillement.** Paizagem.

N.º 366. **J. M. Rocha** (1730-1786). Legumes; do mesmo artista, o n.º 368. Professor em Lisboa. Imitador de Vieira Lusitano, cujos desenhos copiou. Vide Cyrillo pag. 116-120.

Lado Sul

N.º 293. **José da Cunha Taborda.** El-Rei D. João IV, na procissão de Christi. Allusão ao attentado de Domingos Leite em 1646. Reducção do quadro grande, que está no Museu Nacional das Janellas Verdes.

LISTA ESPECIAL DOS QUADROS

Lado Nascente

N.º 374. Joaquim Raphael.

N.º 381. Vieira Portuense.

N.º 276. Antiga escola portugueza.

N.º 92. Josepha d'Obidos.

N.º 150. D. A. Sequeira.

N.º 274. J. da Cunha Taborda.

N.º 381. **Vieira Portuense.** São João Baptista, n'uma paizagem, aponta para o Messias, que se vê ao fundo. Figura expressiva, de uma certa belleza agreste.

N.º 276. Christo crucificado, pendente a cruz dos braços do Padre Eterno. O Espirito Santo, na forma de pomba, pousa sobre o lenho. Primeiro terço do sec. XVI. Escola vulgarmente chamada: *Grão-Vasco.*

N.º 92. **Josepha d'Obidos** (1634-1684). Pintora portugueza notavel, tambem chamada Josepha d'Aiala ou Ayala. Sagrada fami-

lia. Sobre cobre. O quadrinho não está assignado, mas tem todos os caracteres da artista. Vide Raczynski, *Diction.* pag. 211.

Lado Poente

N.º 310. **João Baptista Ribeiro.** Retrato de D. Miguel I. Sobre o artista vide retro.

N.º 333. **Vieira Portuense.** Retrato de El-Rei D. João VI, como Principe do Brazil.

N.º 335. **Idem.** Retrato da Princeza D. Carlota Joaquina, como noiva do antecedente.

D) QUADROS ESTRANGEIROS

Advertencia

Fazendo uma escolha n'este grupo, que representa a parte mais valiosa da galeria de quadros, não podemos deixar correr, sem algumas palavras, a tentativa de uma nova classificação que vamos iniciar. O catalogo de 1853 (primeira e unica edição esgotada ha muitos annos) apresenta attribuições de nomes illustrissimos. A lista deve-se ao filho do benemerito fundador do Museu, que teve natural melindre em alterar as classificações de seu pae, consignadas n'um inventario de familia com a data 10 de Outubro de 1849.

Temos presente uma cópia authentica d'este documento. D'ahi tambem a reluctancia do fallecido director contra uma nova classificação que lhe propozemos ha annos, no decurso d'uma commissão official, nomeada pela Ex.ma Camara municipal para estudar a reorganisação do Museu (1889).

E' inevitavel, porém, confessar a verdade: que uma boa parte dos nomes celebres do Catalogo de 1853 tem de desapparecer, desde já, n'este modesto *Guia* e que as rectificações devem abranger ainda mais nomes e numeros no Catalogo definitivo da secção de pinturas, incluindo, é claro, as numerosas telas que enchem algumas salas de representação official, no proprio edificio da Camara, onde se vasou o *trop plein* do Museu.

As rectificações representam uma tentativa de melhoria que a critica poderá discutir á vontade, porque n'esse assunto ninguem é infallivel. Quem comparar entre si as ultimas edições dos Catalogos officiaes mais celebres das galerias de Madrid (Prado), de Paris (Louvre), Berlim, Dresden, Vienna, Munich, Amsterdam, Florença, etc., haverá notado que duas terças partes das telas tiveram de soffrer os rigores de uma classificação nova, scientifica, que não poupou nenhum melindre nacional e deitou por terra muitas tradições venerandas.

Não será demais (n'um paiz onde a critica d'arte é o dominio favorito que os litteratos mais ignorantes escolhem para as suas estreias) lembrar a discussão travada desde 1874 sobre as novas classificações de muitos dos mais celebres quadros das galerias historicas da Italia.

N'esse anno iniciou Lermolieff [1] uma campanha que durou até á sua morte (1895) contra uma parte das classificações de Crowe & Cavalcaselle [2].

Woltmann-Woerman [3] reconheceram de 1879 a 1888 a legitimidade das contestações do celebre critico, que não melindraram muito os nervos dos dous auctores da obra capital sobre a Historia da Pintura na Italia.

Se por um lado tivemos de eliminar nomes

---

(1) E o pseudonymo de Morelli.

Os estudos foram concentrados n'um vol. *Die Galerien Borghese und Doria Panfili.* Leipzig, Brockhaus 1890.

(2) *History of Painting.* London, 1861 66 e 1871, com a parte relativa a *North-Italy.* 5 vol.

(3) *Geschichte der Malerei.* Leipzig, Seemann, 3 vol. (1879 1888).

famosos, podemos, em compensação, apresentar uma serie de nomes e assignaturas novas, lidas pela primeira vez.

O Catalogo definitivo dará os fac-similes respectivos.

Empregámos todo o cuidado em apresentar na chronologia as ultimas rectificações apuradas pela critica. O catalogo de 1853 contém grande numero de erros de datas e de factos, o que não admira succedesse a um amador, ha quasi meio seculo. As noticias biographicas tiveram de ser reduzidas ao minimo; acompanham o nome quando apparece pela primeira vez, mas não se repetem.

As referencias á grande Galeria Real de Madrid (Prado) justificam-se, porque é a que temos mais proxima de Portugal, como deposito riquissimo de primeira ordem, com quadros absolutamente authenticos, para confronto.

Conhecemos este incomparavel Museu desde 1871, e havemos lá voltado por differentes vezes.

Em alguns casos citámos tambem a galeria do Museu nacional de Lisboa (Palacio das Janellas Verdes), mas convém advertir que as classificações dos quadros do Museu de Lisboa, com Catalogo *provisorio* (sic) desde 1868, em quatro edições tambem *provisorias,* devem ser acolhidas com a mais cautelosa reserva.

Sala I

Lado Norte

N'este lado, quasi tudo é nacional. Queira o visitante ver a respectiva secção dos quadros portuguezes (retro pag. 36-38).

Lado Sul

Rubens (P. P.). — Nasceu em 1577; falleceu em 1640 em Antuerpia, cuja escola illus-

trou principalmente, levando a escola flamenga ao ponto culminante. O Museu de Madrid contém um thesouro incomparavel de telas originaes d'este grande artista (uns 66 numeros; e mais umas 30, classificadas como cópias, ou trabalhos da sua escola). No Museu nacional de Lisboa (Janellas Verdes), ha alguns quadros que podem ser attribuidos á escola de Rubens.

N.º 28. Quadro com allegorias mythologicas: as *Bodas de Peleo,* isto é: o casamento de Peleo com a nereida, ou deusa do mar: Thétis, da qual nasceu o celebre heroe da guerra de Troia, Achilles. No meio da festa a Discordia arrojou sobre a mesa o pomo de ouro, trazido por Hercules do jardim das Hesperides, exclamando: *«á mais bella»!* As tres deusas Juno, Minerva e Venus disputaram-se mutuamente o pomo, vencendo a ultima, que o recebeu da mão do mancebo Páris. D'esta questão surgiu

a famosa guerra de Troia, segundo a lenda grega.

O Catalogo de 1853 diz cautelosamente: *copiado de Rubens.*

Escola franceza do sec. XVI

N.º 258. Retrato de homem da côrte franceza. Gibão e gorra de velludo preto, bordada a ouro. Epoca de Francisco I. Boa pintura em taboa, da escola de *Clouet* (como o numero que segue adiante). Jehan C., chamado *Jehannet* ou *Janet*, era em 1518 pintor de Francisco I; morreu em 1540. A seu filho François C. (1541-1571) que herdou o seu cargo, a sua fama e o nome, pertencem a maior parte das obras que são attribuidas ao pae.

N.º 344. Retrato de uma joven princeza de França. Boa pintura, mas muito gasta pela

luz do sol. O traje é muito interessante. Mesma escola, mesmo pintor.

Escola hollandeza do sec. XVII

Mierevelt (Michiel ou Pieter?). — Este nasceu em Delft em 1596 e ahi falleceu em 1623. Jan morreu em 1633. Michiel retratou numerosos personagens da côrte de Guilherme de Nassau (o *Taciturno*) em Delft.

N.º 44. Principe hollandez, como toda a physiognomia indica. Veste armadura, com banda de general e golla de renda. Epoca da guerra dos 30 annos, em taboa. O catalogo de 1853 diz ser o retrato de D. Nuno Alvares Pereira, o *Condestavel* (!), aliás bem conhecido pela gravura em madeira da respectiva chronica e por uma pintura antiga, em taboa, concordante, na Bibliotheca nacional de Lisboa.

Lado Nascente

Roos (Philips Peter) com o appellido *Rosa di Tivoli* (1651-1705).

Pintor distincto de animaes, natural de Franc-fort (s. M.); pertence a uma familia inteira de artistas que se dedicaram á especialidade da pintura de animaes. Morreu em Tivoli, perto de Roma. Pertence á escola allemã. Os seus melhores quadros estão na Galeria Real de Dresden. Ha-os tambem em Madrid.

N.º 131. Paisagem com gado. Quadro de merecimento.

Lorrain ou **Le Lorrain** (Claude), pelo nome de familia: *Claude Gelée.*

Pintor celebre de paisagens da escola franceza do sec. XVII (1600-1682). Creou esco-

la. Tem quadros em Madrid, uns dez, que contam entre os mais celebres.

N.^{os} 9 e 135. Duas paisagens, sendo a ultima uma composição em architectura e grupos de figuras. Pode acceitar-se a classificação, como sendo da *escola* do celebre artista.

Locatelli ou **Lucatelli** (Andrea).—Natural de Roma. Nasceu, segundo uns, em 1660, segundo outros em 1695. Falleceu em Roma em 1741.

N.^{os} 301 e 305. Ruinas antigas. A primeira é uma vista de edificios, á beira-mar; a segunda representa as ruinas de um arco triumphal. Seguiu os modelos de Lorrain, Dughet (aliás Poussin) e Grimaldi. A paisagem ideal e heroica dos dous primeiros

desce porém ao genero idyllico e aos casos triviaes *(bambocciate)* nas pinturas de Locatelli.

Toledo (Juan de) chamado *El Capitano.* — Nasceu em Lorca em 1611; morreu em Madrid em 1665. Discipulo de Michelangelo Cerquozzi em Roma. Pintor notavel, de assumptos militares.

N.º 263. Batalha, cheia de tumulto; com energico pincel e colorido.

Lado Poente

Dyck (Antony van). — Nasceu em Antuerpia em 1599; falleceu em Londres em 1641. Foi o discipulo mais illustre de Rubens. Ha preciosas telas d'este artista no Prado.

N.º 55. Martyrio de S. Sebastião. Copia antiga. Outra copia de outro quadro do mesmo pintor, sob o n.º 104, na Sala II, lado Norte.

Anonymo.

N.º 60. Flores n'um vaso. Original de? Quadro de valor da escola hollandeza; meado do sec. XVII.

Vernet (Claude Joseph) (1714-1789). — Copiado por Vieira Portuense. Como seu filho Charles (1758-1835) e seu neto Horace (1789-1863) celebre pintor de batalhas do primeiro imperio, gosou de grande fama na peninsula, graças á vulgarisação das suas obras pela gravura em cobre. Mais de cincoenta gravadores multiplicaram os trabalhos de Claude Joseph.

N.º 116. Marinha com pescadores. Já refe-

rido a pag. 43. Na mesma *secção nacional* já citámos os quadros n.º 81 (Vieira Portuense) e n.º 90 (Taborda), collocados n'este mesmo lado; vide retro pag. 42.

Escola hollandeza

N.ºs 68 e 84. Duas paisagens. O Catalogo de 1853 attribue estas duas telas talvez a Arnaldo Vanderneer (sic) nascido em 1619, morto em 1683. Quer referir-se provavelmente a Aert van der Neer (1603-1677) pae de Eglon Hendrik v. d. N. Não ha outros pintores d'este appellido. Só recentemente é que a critica apurou as datas que citamos. Uma das telas (n.º 84) representa uma paisagem povoada de camponezes, dançando. A outra (n.º 68) um bosque com scena campestre, animada de figuras, entretidas junto de uma nascente. Em todo o caso são composições de merecimento.

Escola hollandeza, talvez *A. Palamedes*

Este pintor da escola de Delft assigna: Palamedesz Stevaerts (1600-1673). E' um dos representantes das «scenas familiares» da sociedade culta de Hollanda. O n.º 87 (tela) joga com o n.º 257 (cobre) e n.º 31 da Sala II, Nascente.

N.º 87. Scena familiar entre damas e cavalheiros, que tocam instrumentos e jogam sobre uma mesa, n'um formoso parque. O n.º 257 tem assumpto semelhante. O Catalogo de 1853 attribue ambas as pinturas a Theod. Rombouts, o que não é admissivel.

Cardi (Ludovico) **il Cigoli** (1559-1613) fundador de uma notavel escola florentina, ao findar o sec. XVI.

N.º 82. São Francisco n'um ermo, em oração ante um crucifixo. Pintura de muito merito, com intensa expressão de extasis religioso.

Neefs (Peeter, com figuras de *Francken*. A familia do pintor d'este nome floresceu em Antuerpia, cuja cathedral foi por elles pintada innumeras vezes.

N.º 39. Interior de uma cathedral, gothica. Fina execução de perspectiva linear e aeria. As obras do pae e do filho (homonymos) difficilmente se distinguem. O pae nasceu cêrca de 1578 em Antuerpia; falleceu entre 1656 e 1661; a data relativa ao filho é 1620 (nascimento); vivia ainda em 1675. Seu irmão mais velho Lodewijk nasceu em 1617.

O Catalogo de 1853 attribue a pintura ao pintor e architecto italiano Galli Bibiena,

que pertence, porém, ao meado do sec. XVIII.

Sala II

Lado Norte

N.º 104. **Dyck** (A. van). — Encontro de Jesus Christo e Nossa Senhora, na via dolorosa. Boa copia, antiga. Vide retro o n.º 55 a pag. 63.

N.º 114. **Neefs** (Peeter). — Interior da cathedral de Antuerpia. Pintura em taboa de muito valor. Vide o que dissemos a proposito do n.º 39 pag. 66.

Escola flamenga. Meado do sec. XVII

N.º 137. David, matando Golias. De largo desenho e vigoroso colorido. A attribuição a Vieira Luzitano (Catalogo de 1853, pag. 31) é inadmissivel.

Wildens. Com este simples nome designa o Catalogo de 1853 os quadros n.os 236 e 244. Um pintor Jan Wildens floresceu em Anvers, sua patria (1586-1653). Foi amigo de Rubens. A galeria do Prado em Madrid possue quadros notaveis d'este artista.

N.º 236. Um astrologo dando consulta a varias pessoas no seu gabinete.

N.º 244. Um advogado, em consulta.
Ha no museu mais tres quadros, que jogam com estes.

Lado Sul

Anonymo.

Escola italiana de Veneza; fim do sec. XVII.

N.º 173. Batalha naval, entre galiões venezianos e turcos. Pintura de merecimento.

N.º 171. Scena da beira-mar, com feira de peixe. Parecem ambos do mesmo distincto auctor.

Weenix (Jan) filho de João Baptista W. Nasceu em 1640; falleceu em 1719. As suas pinturas são estimadas.

N.º 175. Aves mortas. Em taboa.

N.º 183. Aves mortas e uma espingarda. Idem.

O cat. de 1853 attribue ambos os quadros a um certo J. Vonck, pintor desconhecido. O n.º 175 está assignado, como indicamos.

Escola hespanhola do sec. XVII, talvez J. Ribera

N.º 172. **J. Ribera** (?) 1588-1656. Deposição de Christo no tumulo. A Virgem, S. João e Maria Magdalena compõem a scena dramatica, emquanto Nicodemo e José de Arimatheia depositam o corpo no sepulchro. Conhecemos differentes repetições d'este quadro, no Louvre, em Dresden, etc. O original deve ser a tela do Prado.

Lado Nascente

Schut (Cornelis) e **Seghers** (Daniel). O primeiro (1597-1656) teve por auxiliar, nas flores, o segundo (1590-1661), que foi tambem collaborador de Rubens, Diepenbeck, Erasmo Quellino e Th. van Thulden. Schut foi discipulo distincto de Rubens.

N.º 145. Santo Ignacio de Loyola, subindo á gloria, coroado por anjos. Os festões de rosas de Seghers formam moldura, em quadro independente sobre o retrato do santo.

N.º 269. Sacra familia, orlada de flores.

Wouwermann (Philips). Natural de Harlem, 1619-1668. Além d'este artista, o mais celebre de tres irmãos, ha: Pieter e Jan W. As suas composições são muito estimadas.

N.º 143. Uma caçada. Um grupo de fidalgos prepara-se para partir, uns a cavallo, outros em coche. Os animaes mui bellos, como sempre, rivalisam com a paisagem.

Rombouts (Theod.) Pintor da Escola flamenga 1597-1637. As attribuições do Cat. de 1853 a este artista são arriscadas, como já vimos (pag. 65). Pertence ao grupo de Rubens, mas estudou e imitou tambem o italiano Caravaggio e o francez Valentin.

N.º 31. Scena familiar de gente nobre. Em cobre.

N.º 257. Assumpto semelhante, em sarau musical. Idem.

É mais provavel que sejam obras do pincel de Palamedes. (vid. retro pag. 65).

Lado Poente

Roos (Philips Peter).
Sobre este artista Vid. n.º 131, pag. 60.

N.º 15. Paizagem com gado.

N.º 212. Mesmo assumpto. Este quadro póde filiar-se na escola do mesmo mestre.

Largillière (Nic. de). Notavel pintor de retratos da escola franceza (1656-1746).

N.º 211. Retrato de uma dama, pintando flores. O catalogo de 1853 attribue esta formosa tela *talvez* (sic) a Menendez. Deve ser:

Menendez (D. Luis) 1716-1780. Este artista, que cultivou sobretudo a pintura de «natureza morta» flores e legumes (em hesp. *bodegon*), está largamente representado no Prado. Não ha alli, porém, nenhum retrato d'elle; nem Menendez viveu em «fins do sec XVII».

Escola franceza. Meado do sec. XVII

N.º 210. Retrato de um almirante, cavalleiro da Ordem de Malta.

O Cat. de 1853 diz: «talvez de Alfaro y Gamez» (pag. 47). Deve alludir a Don Juan de Alfaro y Gamez, que Palomino inclue em o numero dos discipulos de Velasquez. Nasceu em Cordova, 1640; e morreu em Madrid, 1680. Parece-me attribuição tão inverosimil, como a antecedente! Julgo ser tambem de Largillière, ou da sua escola.

Camuccini. Escola romana do fim do sec. XVIII.

N.º 216. São Francisco, em penitencia, recebendo os sagrados stigmas (cinco chagas) do Redemptor, que lhe apparece n'uma gloria. Obra muito expressiva e bem acabada.

Goubeau (A.). O Cat. de 1853 classifica este autor como da *Esc. hollandeza* e do meado sec. XVII. Ha um artista da escola flamenga: Ant. Goubou ou Goebouw, natural de Anvers (1616-1698), que pintou scenas populares e de guerra.

N.º 83. Marinha. Navio hollandez em temporal.

Maratti (Carlos) Escola romana, 1625-1713.

N.º 10. Allegoria para um tecto de salão. Representa o giro do sol (Apollo) e da lua (Diana) em face dos doze signos. Esboço.

Escola hollandeza. Meado do sec. XVII

N.º 43. Uma merenda. Scena de interior flamengo, no genero de Frans Mieris e Dow. Bellissima pintura.

Escola hespanhola. Meado do sec. XVII

N.º 24. Santo Ambrosio, arcebispo de Milão.

Escola flamenga. Meado do sec. XVI

N.º 229. Bodas de Baccho e de Ariadne. Assumpto muito favorito dos pintores da Esc. de Rubens. Ha alguma reminiscencia da pintura de Hendrik van Balen sobre o mesmo assumpto *(Galeria de Dresden)* Em taboa. Composição muito interessante.

Sala III

Lado Norte

Bol (Ferdinand) 1616-1680. Discipulo de Rembrandt.

N.º 361. Retrato de homem, vestido de preto. O catalogo de 1853 attribue o quadro

a A. van Dyck. Por occasião de uma limpeza dada ao quadro, em 1895, o restaurador do museu (Sr. Moura) descobriu o monograma do artista. É uma perola da galeria.

Locatelli (Andrea) Vid. retro, pag. 61.

N.º 351. Paisagem com architectura. Vid. o companheiro n.º 384.

Bombelli. — Primeira metade do sec. XIX.

N.º 360. Côro de Capuchinhos em Roma. Estudo notavel de perspectiva. Pintado expressamente para o fundador da galeria, cêrca de 1827. Vid. o companheiro n.º 297 (lado Sul da mesma sala).

Escola hespanhola. Principio do sec. XVIII

N.º 362. Retrato de S. Felippe Neri, fundador da Congregação do Oratorio.

Escola hollandeza. Meado do sec. XVII

N.º 356. Marinha. Uma esquadra assaltada pelo temporal. Tem a assignatura: Stoop. Talvez seja Dirk Stoop (1610-1686) que viveu alguns annos na côrte de Lisboa.

N.º 352. Porto de mar, com paisagem na frente. Cavalleiros correndo pelas margens de um rio. Do mesmo autor (?).

Lado Sul

Bombelli. Vide retro pag. 78.

N.º 297. Escola de meninas em Roma. Estudo de perspectiva, pintado em 1827 expressamente para o fundador da galeria. Vid. o n.º 360.

Escola franceza

Rigaud (Hyacinthe) 1659-1743. Um dos mais celebres pintores de retratos do seculo de Luiz XIV; e pintor da côrte.

N.º 296. Retrato de uma dama, com véo e cajado. Parece-nos o companheiro do n.º 298, posto que este seja attribuido ao artista portuguez A. Padrão.

Nogari. (Giuseppe) 1699-1763. Natural de Veneza. Discipulo de Antonio Balestra.

N.º 328. Retrato de uma velha, rezando.

N.º 346. Retrato de um mathematico. São duas «cabeças de caracter», profundamente expressivas, e de uma technica perfeita.

Escola flamenga

N.º 285. Fructos e flores em um festão. O catalogo de 1853, accrescenta: «Estylo de Daniel Seghers». Parece-me antes que esta formosa pintura deve attribuir-se á celebre Rachel Ruysch ou á sua escola.

Esnaid (J.)

N.º 419. Pintura de natureza morta. Assignado J. Esnaid f. 1640. Artista desconhecido.

Escola flamenga

N.º 369. Grupo de caçadores, descançando n'um subterraneo. Estylo de Jan Miel (1599-1664), discipulo de Gerard Seghers ou Zegers.

Escola hollandeza

N.º 365. Paisagem, com figuras na frente. Estylo de Jacob van Ruysdael ou Ruijsdael (1629-1682).

Lado Nascente

Brouwer ou **Brauwer** (Adriaen) 1606-1638.

N.º 281. Jogadores no interior de uma taberna. Em taboa; quadro de valor. Está assignado.

Morales (Luis de), chamado vulgarmente *El divino*. Nasceu no principio do seculo XVI; morreu em 1586, em Badajoz, sua patria.

N.º 382. *Ecce homo:* O Senhor da canna verde. Pintura em taboa.

Escola hollandeza

N.º 395. Festim e dança d'aldeia.

O Catalogo de 1853 classifica-o: copia de David Teniers, o moço (1610-1690). Esta numerosa familia de artistas teve um dos seus membros, que Woltmann-Woermann (*Gesch. der Malerei,* vol. III, pag. 499) designa: David Teniers n.º 4, em Lisboa, onde falleceu.

Escola hollandeza

N.º 234. Corpo de guarda; um grupo de militares, jogando. Em taboa. O Catalogo de 1853 designa como autor Largillière, o que é erro manifesto.

Antonissen (Hendrik Josef) 1737-1794.

N.º 630. Paisagem com gado. Assignado. Parecem do mesmo artista flamengo os n.os 418 e 486.

Cades (José). Escola Romana do fim do sec. XVIII. Falleceu depois de 1820, segundo o catalogo de 1853.

N.º 272. Quatro cabeças de homem. Estudo do natural.

O quadro n.º 40 tem a data 1810. O Museu possue umas doze telas d'este autor, a maior parte esbocetos.

Escola hespanhola, de Valencia (?) Sec. XVII

N.º 273. Sacra Familia. Quadro de merito, mas com as côres bastante alteradas.

Picarte (J. M.)

N.º 377. Flores n'um grande vaso.
Magnifica pintura, assignada, e com a data 1647. Parece ser artista da Escola franceza. Houve um gravador distincto, francez: Bern. Picart (1663-1733) que viveu em Paris, imitador de Callot.

David (Jacques Louis) 1748-1825.
Celebre pintor da côrte de Napoleão I.

N.º 376. Figura de Páris, meio corpo, colossal. Estudo academico.

Escola franceza

N.º 207. Retrato de mulher, em traje de

mascara. Póde ser de Latour (Maurice Quentin de la Tour 1704-1788).

Escola ingleza (fim do sec. XVIII)

N.º 371. Retratos de tres meninos, brincando n'um jardim. Escola de Reynolds (?).

Lado Poente

Rubens (P. P.). Vid. retro pag. 56 e 57.

N.º 340. Scena mythologica. Meleagro offerecendo a Atalanta a pelle e a cabeça do javali de Calydon.

O Catalogo de 1853 classifica o quadro de *original*, assim como o n.º 323. É, pelo menos, um bom quadro da escola do grande mestre.

N.º 323. Aldeão e aldeã, em caminho do mercado, carregados com um veado, aves e fructas.

O Catalogo de 1853 dá-o como *original* do mesmo Rubens. Repetimos a observação precedente. Póde ser um bom trabalho de atelier de um dos melhores alumnos, p. ex. Jordaens.

Escola Romana. Principio do sec. XIX

N.º 345. Diana no banho.

N.º 329. Baccho e Ariadne.

Escola hespanhola. Sec. XVII

N.º 401. Cabeça de rapaz.

O Catalogo de 1853 diz: «Talvez de Murillo»

(1617-1682). Não obstante, parece-nos um quadro flamengo do meado do sec. XVII.

Fyt (Jan) 1611-1661.

Artista rival de Snyders e Paul de Vos, como pintor de animaes.

N.º 327. Falcão e utensilios de caça. Está assignado.

N.º 347. Caça morta. Está assignado.

Belucher

N.º 299. Hercules combatendo a hydra. Allegoria para um tecto, que parece ser uma apotheose da sabia Rainha Christina da Suecia (sec. XVII).

O Catalogo de 1853 diz ser *original*. O nome do artista não é conhecido. Será Antonio Belucci de Treviso (1654-1726)? Pelo estylo, este formoso esboço recorda o pincel do celebre Tiepolo (1692-1770).

Cavalucci (Ant.). 1752-1795.
Foi um dos mestres do nosso Sequeira, em Roma.

N.º 322. São João prégando no deserto. O catalogo de 1853 escreve erradamente: Cavoluce.

Cignani (Conde Carlo) 1628-1719. Escola de Bologna, discipulo de Francesco Albani.

N.º 324. Scena mythologica. Dedalo pondo as azas a Icaro. Este pintor Cignani gosou de grande reputação e disfrutou logares importantes.

IV Secção

ESCULPTURA

Sala I

Ant. Teixeira Lopes. Artista contemporaneo. Nasceu em 1867. Reside em Villa Nova de Gaya.

N.º 69-bis. Infancia de Caím. Estatua em marmore branco. Alt. 1^m; Larg. $0^m,73$. Assign.=Teixeira Lopes. Paris, 1890.=Comprado pela Ex.ma Camara em 1891.

Anonymo.

N.º 69-tris. Venus e Cupido, afagando-a.

Marmore branco. Alt. $0^m,78$; Larg. $0^m,50$. Trabalho italiano moderno (princ. do sec. XIX?).

Sala III

Lado Sul

VITRINE INFERIOR

Braga (João José). Esculptor portuense, fallecido em 1833.

N.º 70. Cabeça de seraphim, em barro. Original.

Na mesma vitrine, e do mesmo lado, estão os n.os seguinte até 81, menos a Estatueta do Infante D. Henrique, encostada á parede do lado Poente.

N.º 71. Do mesmo. Menino dormindo.

N.º 72. Do mesmo. A mesma figura. Reducção em gesso.

N.º 73. Do mesmo. Menino acordado.

Lado Poente

N.º 73-bis. **Bordallo Pinheiro** (Raphael). Estatueta do Infante D. Henrique. Em gesso n'um ediculo de estylo ogival florido, composto de peanha e baldachino. Legado do illustre escriptor Oliveira Martins, offerecido pela viuva, a Ex.ma Snr.a D. Victoria Barbosa de Oliveira Martins, em officio de 26 de setembro de 1894.

N.º 74. O Tempo. Figurinha em barro, colorida.

N.º 75. Busto de mulher. Medalhão em marmore branco.

N.ºs 76 a 81. Seis medalhões em pedra artificial, copiados de figuras antigas de Herculanum, que representam allegorias da Dança.

V Secção

CERAMICA

Sala III

Lado Sul

VITRINE INFERIOR

N.^os^ 61-bis a 63. Tres pratos hispano-arabes, de barro vidrado, com reflexos metallicos.

N.° 64. Prato de faiança branca, com pintura azul. Diam. 0,24^c^. — S. H. PRINS. 1660/WILHELMVS. — É o retrato de sua

alteza o Principe Guilherme da Hollanda. Fabríco hollandez.

N.º 65. Bilha de faiança para agua, de segredo. Fabríco moderno.

N.º 66. Bilha de barro para agua, com figuras em relevo, e ornamentação de mica. Fabríco antigo das Caldas da Rainha.

N.º 67. Vaso de barro vermelho com tampa, ornamentada com aves e flores.

Azulejos nacionaes. Série da segunda metade do sec. XVII e primeiro terço do sec. XVIII, procedentes principalmente do extincto convento de Santa Clara (Porto). Padrões de 4, 8 e 16 azulejos, lisos, polychromicos, geralmente a tres côres. De permeio, algu-

mas cercaduras, que não poderam ser separadas por falta de espaço.

Estes azulejos começam na vitrine n.º 8 prateleira superior, seguem para as vitrines n.os 9 e 10, tomando tambem as prateleiras inferiores das vitrines n.os 1 a 7. Abrangem os numeros 82 a 146.

Comquanto a maior parte d'estes azulejos viessem do convento de Santa Clara, como fica dito, ha alguns padrões que pertenceram a casas particulares, demolidas, da antiga rua dos Inglezes (hoje Infante D. Henrique).

Nas vitrines n.os 11, 12 e 13, prateleira inferior podem ver-se alguns padrões completos de 4 azulejos em relevo, polychromicos, da epoca de 1500-1530.

Todos estes azulejos são nacionaes, com excepção apenas dos que estão juntos ao n.º 85, que são hollandezes, do meado do sec. XVII (tres exempl.)

Afóra estes azulejos soltos do Museu, existem outros em grande numero n'um deposito

da Bibliotheca, onde se estão formando presentemente novas combinações de padrões para poderem ser apreciados. Além d'isso encontrará o leitor no claustro da Bibliotheca já uma série de paineis de figura em azul e de tapete, polychromicos, que produzem um bello effeito decorativo nas paredes outr'ora nuas. É muito para louvar o zelo e o bom gosto do Snr. Bibliothecario Rocha Peixoto, que salvou tão importantes reliquias das demolições dos conventos de S. Bento da Ave-Maria, de Santa Clara e de Grijó. O Museu municipal poderia e deveria ter hoje uma collecção de azulejos muito valiosa, se tivesse havido o cuidado de reclamar simplesmente uma amostra de cada um dos padrões que as demolições dos ultimos trinta annos, feitas pela Camara municipal, puzeram a descoberto.

Pertencem a esta secção *ceramica* os productos de *biscuit*, citados retro a pag. 9 e 10.

VI Secção

COLLECÇÃO NUMISMATICA ESTRANGEIRA

Sala III

A) MOEDAS

A collecção numismatica estrangeira do Museu é muito importante, embora a attenção do visitante portuguez deva concentrar-se na serie nacional, a que já nos referimos (pag. 17 e seg.) Apenas uma secção, a arabica (43 exemplares), foi descripta e classificada com rigor pelo mallogrado arabista José Pereira Leite Netto (1882). Todavia as outras secções contém exempla-

res dignos de estudo (cêrca de 7:500, contando as moedas e medalhas) que se distribuem do seguinte modo:

I. Collecção romana da Republica: 1:182, sendo 1:130 de prata, collecção muito valiosa que não coube no Museu, achando-se uma parte disposta na Bibliotheca publica municipal.

II. Serie do Imperio: São 1:597 exemplares, entre os quaes ha 84 moedas de ouro e umas 587 de prata.

III. Serie byzantina: 35 exemplares.

IV. Serie suevo luzitana: 5 exemplares em ouro. Sobre esta serie, que tanto interessa aos estudos historicos da peninsula, assim como sobre a *Serie visigoda,* 14 exemplares em ouro, vejam-se os estudos do dr. Ed. Allen *(Appendice bibliographico).*

. SERIE GREGA: 268 exemplares, incluindo a preciosa *chapa de ouro,* batida sobre um dos celebres decadrachmas syracusanos, uma verdadeira joia archeologica. Vid. *Relatorio sobre o Museu Municipal do Porto,* pag. 39.

I. SERIE CELTIBERICA E HISPANO-ROMANO-COLONIAL: 212 exemplares em prata e cobre.

Precede a serie portugueza, naturalmente, a serie arabica (oriental e peninsular). É toda medieval e abrange 8 exemplares de ouro; 34 de prata e 1 de cobre.

A serie portugueza abrange 1:062 exemplares, sendo 117 de ouro, 499 de prata, 87 de bilhão, 348 de cobre e 11 de estanho; além das moedas coloniaes (cerca de 279) e das medalhas (138). Do seu valor excepcional já fallámos (pag. 17 e seg.)

A *Collecção estrangeira* é um nucleo importante para uma formação nova, que não será difficil organisar, se nos contentarmos com preencher modestamente as lacunas mais sensiveis, renunciando á acquisição de raridades caras.

Abrange 1:963 exemplares em que avultam os seguintes paizes: Hespanha, Grã-Bretanha e suas possessões; Allemanha e Estados da antiga Confederação germanica; e a Italia com as suas divisões, antes da unificação politica.

Junte-se a isto a collecção das medalhas estrangeiras (603), que embora não tenham o merito de serem productos do buril nacional, podem servir de modelos, sob muitos respeitos, aos artistas portuguezes.

Daremos rapidamente uma ideia da disposição provisoria d'estes thesouros *(Secção estrangeira)* no Museu:

MOEDAS ESTRANGEIRAS

Edade media e tempos modernos

Abrange as vitrines encostadas ás paredes da Sala III, lado poente. Estão dispostas em *Divisões* numeradas, começando á direita da Estatueta do Infante D. Henrique. Na seguinte ordem:

A. Castella, Aragão, Navarra—Desde o reinado de Affonso XI até aos Reis Catholicos. (4 divisões). Seguem as moedas da Hespanha (unificada) até D. Isabel II. (10 divisões. Numeros 1 a 14).

B. França. Gallia antiga. Edade media até Luiz Felippe e Napoleão III. (7 divisões). Possessões francezas.

C. Paizes-Baixos, sob a casa de Habsburgo-Lorena.

D. Belgica. (Divisão 22).

E. Hollanda. Paizes-Baixos. (Div. 23 a 25).

F. Suecia. (Div. 26).

G. Estados-Unidos da America do Norte e Haiti. (Div. 27 e 28).

H. Dinamarca. Russia e antigo reino de Napoles. (Div. 29 a 32).

I. China. (Div. 33).

J. Inglaterra e colonias. India ingleza. Moeda de cobre *Tokens*. (Div. 34 a 48).

K. Inglaterra. Desde Eduardo III e Henrique VIII até á Rainha Victoria. (Div. 49 a 62). Algumas moedas dos antigos Bretões na Div. 50.

L. Supplemento á Inglaterra e colonias. (Div. 63 a 68):

M. Prussia. Eleitorado de Brandenburg. (Div. 69).

N. Estados da Confederação germanica e cidades hanseaticas. (Div. 70 a 72).

O. Austria e antigo Imperio d'Allemanha. (Div. 73 a 74).

P. Suissa. (Div. 75).

Q. Estados pontificios. (Div. 76 a 79).

R. Outros Estados antigos da Italia; Reino unido da Italia. (Div. 80 a 84).

B) MEDALHAS

N'esta secção encontram-se exemplares de muito valor, que serão descriptos com mais

desenvolvimento no Catalogo definitivo. Mencionaremos, desde já, uma preciosa medalha da *Escola italiana*, a primeira que encontramos em Portugal, com a inscripção, circumdando um retrato:

ANT. M. BISCIONIVS. FLOR. BASIL.
S. LAVR. CAN. MEDIC. LAVR.
BIBLIOTH. REG. PRAEF. AET. AN.
LXXIII.

No R.º Hercules luctando com a hydra e o distico: *Negata tentat iter via.* Diam. 81 millim. Assignada L. M. P. Data: 1740 ou 1747.

As medalhas (58 divisões) pertencem a differentes paizes. É notavel a serie das div. 85 e 86. (Antiguidade e algumas historicas do sec. XVIII); o numeroso grupo da era de Napoleão I (Div. 118 a 137); a collecção immediata (miscellanea 138 a 142). Tambem merecem menção alguns dos pseudo-camapheus da Div. 149.

Caminhando sempre para a direita encontrará o visitante a:

Serie grega. São 19 Divisões; com alguns exemplares muito raros p. ex. o decalco em ouro, a que já nos referimos.

Passando o arco da entrada, lado Nascente, deparamos com a:

Serie romana (peninsular)—22 Div.; e seguidamente as arabes e turcas—12 Div.

Continúa depois a grande serie romana (216 Div.), para terminar na collecção visigothica peninsular, pequena, mas de valor, como já fica dito.

Esta disposição provisoria foi determinada pela falta de espaço, embaraço com que luctam todas as secções do Museu e que tem sido motivo para innumeras reclamações da Direcção.

APENDICE BIBLIOGRAPHICO

Na relação que vae lêr-se apenas trataremos da bibliographia d'arte *nacional*, por ser a mais desconhecida, mesmo entre nós, e porque importa despertar no visitante sobretudo o estudo dos problemas nacionaes. Ainda assim temos de fazer, por falta de espaço, apenas uma lista muito resumida e pedir desculpa de citarmos tão freqüentemente os nossos escriptos.

As obras que mencionamos servirão aos estudiosos para continuarem o estudo dos assumptos que este Guia lhes apresenta muito resumidamente. E' certo que algumas das publicações recommendadas são já menos vulgares; comtudo, a Bibliotheca municipal do Porto possue as principaes d'esta lista.

I SECÇÃO. ARTE INDUSTRIAL (pag. 1 a 16)

1) O primeiro ensaio historico sobre as industrias d'arte portuguezas appareceu no *Album da Exposição de Aveiro*. Aveiro, 1883, fol. Abrange os seguintes grupos:

a) Tecidos. Estofos tecidos e bordados, de uso religioso e profano.

b) Mobiliario religioso e profano.

c) Ourivesaria e joialheria religiosa e profana.

d) Armas e bronzes. Obras de latão. Metaes não preciosos.

e) Ceramica e vidros Crystaes. Esmaltes.

São desenvolvimento d'estes capitulos os estudos do mesmo auctor (Joaquim de Vascellos) sobre:

2) *Ceramica Nacional portugueza*. Porto, 1883 e 1884. Duas series.

3) *Historia da Ourivesaria e Joialheria portugueza*. Differentes estudos publicados

na *Rev. da Sociedade de instrucção do Porto* (1882) e no *Boletim da Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes* (1881-1884).

4) *Ensaio sobre a Historia das industrias portuguezas.* Trinta artigos, publicados no *Commercio do Porto* de 1886 a 1887.

5) (Estudo) *Sobre os pannos de raz em Portugal.* Na *Rev. de Guimarães.* Julho de 1900.

6) *Toreutica* (arte dos metaes em geral). Na *Rev. de Guimarães.* 1901.

7) *A Industria nacional dos Tecidos.* Legislação do Sec. XV. No *Archeologo Portuguez* n.º 1 e 2 de 1901.

II SECÇÃO. NUMISMATICA NACIONAL (pag. 17 a 20)

1. Aragão (A. C. Teixeira de). *Descripção geral e historica das moedas* cunhadas em

nome dos Reis, regentes e governadores de Portugal. Porto, 1873-1880. 3 vol. Com numerosas estampas.

Esta obra valiosa substituiu com vantagem a de Manuel Bernardo Lopes Fernandes (Lisboa 1856-57). Encontram-se n'ella importantes noticias bibliographicas.

2. Collecção Ferreira Carmo (cit. a pag. 18). O catalogo d'esta notavel serie foi organisado pelo distincto erudito dr. Pedro Augusto Dias: *Catalogo da collecção de moedas e medalhas portuguezas e outras*, pertencentes a E. L. F. C. Porto, 1877. em 8.º de XII-232 pag.

3. J. Pereira Leite Netto. *Catalogo das moedas arabes* existentes no Museu municipal portuense. Descriptas, etc. Lisboa, 1882 na Imprensa Nacional. Cit. n'este Guia, a pag. 99.

4. Ed. Aug. Allen. *Noticia e descripção de uma moeda inedita cunhada pelos Visigo-*

dos na cidade do Porto (fins do VI sec.) Porto, 1862. Cit. n'este Guia, a pag. 100.

5. Manuel Joaquim Pereira. *Catalogo das moedas da India e Africa Portuguezas*, que possue o Museu municipal do Porto. Porto, 1901. Vid. a referencia a esta obra e seguinte no texto d'este Guia, pag. 19.

6. Manuel Joaquim Pereira. *Medalhas do Museu municipal do Porto*. Porto, 1898.

7. Joaquim de Vasconcellos. *O Museu municipal do Porto*. O seu estado presente e o seu futuro. Relatorio official. Porto, 1889. Cit. n'este Guia a pag. 101.

III. PINTURA E GRAVURA (pag. 21 a 51)

Para estas secções temos de recorrer ainda aos dois volumes do conde de Raczynski *Les arts en Portugal* (Paris, 1846) e *Diction-*

naire historico-artistique du Portugal (Paris, 1847) comquanto os estudos feitos durante os ultimos trinta annos hajam fornecido abundantes elementos que substituem, com vantagem, capitulos inteiros das obras do diplomata prussiano. Não fallando na Historia da Architectura, para a qual contribuiram com valiosos trabalhos Sousa Viterbo, A. Haupt e Joaquim de Vasconcellos, temos os estudos sobre a antiga pintura portugueza de Robinson, Justi e Vasconcellos; sobre os illuminadores e debuxadores por Ferdinand Denis e J. de Vasconcellos.

Seria mister publicar integralmente e com escrupulo todos os documentos do Archivo Nacional que Juromenha e outros forneceram a Raczynski e que este extractou mal, em muitos casos, ou traduziu imperfeitamente, em outros. A publicação dos manuscriptos do pintor e illuminador Francisco de Hollanda, que realisámos de 1879-99 provou quanto estes reparos são fundamentados. Apesar de Raczynski, ainda hoje não é pos-

sivel dispensar as obras biographicas de Volckmar Machado e J. da Cunha Taborda, que illustram as vidas dos pintores, esculptores, architectos e gravadores portuguezes.

1. José da Cunha Taborda. *Regras da arte da pintura*, etc. Lisboa, 1815.

2. Cyrillo Volckmar Machado. *Collecção de Memorias relativas ás vidas dos pintores e esculptores, architectos e gravadores portuguezes*. Lisboa, 1823.

3. e 4. Conde de Raczynski. As duas obras já citadas, de 1846 e 1847.

5. J. C. Robinson. *A antiga escola portugueza de pintura*. Estudo publicado em inglez, em 1866, na revista *The fine arts Quarterly Review*, pag. 375-400; e traduzido pelo marquez de Sousa-Holstein. Lisboa, 1868. A critica d'este estudo e da traducção constitue o n.º 7.

6. C. Justi. *Die portugiesische Malerei des sechszehnten Jahrhunderts.* (A pintura portugueza do sec. XVI). Estudo impresso no vol. IX do Jahrbuch d. Koenigl. preussischen Kunstsammlungen. Berlim, 1888. Os resultados d'este trabalho estão condensados, e em parte ampliados, na obra n.º 8.

7. Joaquim de Vasconcellos. *A pintura no sec. XV e XVI.* Porto, 1881.

8. Do mesmo. *A pintura portugueza no sec. XV e XVI.* Segundo estudo. Grão-Vasco. Sahiu no vol. XI do *Portugal antigo e moderno,* de Pinho Leal; artigo: Vizeu.

9. Do mesmo. Ha um *Terceiro estudo,* que ficou incompleto pela interrupção da revista *A Arte,* de Coimbra. 1895. (Nov. a Jan.).

10. Ferdinand Denis. *De la peinture des manuscripts illustrés en Portugal.* Paris, 1879.

Fórma a Introducção ao Missal de Estevam Gonçalves, e foi traduzida por Mendes Leal.

11. Joaquim de Vasconcellos. Manuscriptos de Francisco de Hollanda. Textos editados por J. de V. em 1879; continuados de 1890-92; remodelados na parte critica em 1896. Os ultimos estudos datam de 1896 a 98 e foram publicados em allemão, em Vienna de Austria (1899). Para mais esclarecimentos bibliographicos veja-se a edição dos *Dialogos da Pintura,* impressa no Porto em 1896.

IV. ESCULPTURA

Não ha ainda, infelizmente, nenhum estudo que apresente sequer em resumo a historia da esculptura em Portugal. A bem dizer, ella é inseparavel da historia dos monumentos architectonicos, de que forma parte integran-

te. Mesmo a obra de talha, tão notavel, dos nossos templos, os cadeiraes dos côros, os arcazes das sacristias, as imagens dos altares perdem o seu cunho, o seu caracter, todo ou quasi todo o seu valor decorativo, quando deslocados do meio para que foram ideados.

Assim, não admira que os poucos escriptos que ha impressos n'esta especialidade fallem apenas de vultos e imagens religiosas, p. ex., os tratados de Joaquim Machado de Castro (fim do sec. XVIII) e de uma serie de auctores, citados na *Bibliotheca lusitana* de Barbosa Machado. A primeira descripção de um monumento publico, de caracter profano, é a que trata da Estatua de D. José I em Lisboa. Foi escripta pelo já citado Machado de Castro e sahiu impressa só em 1810.

Não temos, infelizmente, nada que possa comparar-se com a *Iconografia española* de Carderera, que estudou, senão a fundo, ao menos cuidadosamente, os monumentos sepulchraes dos templos de Hespanha. E com-

tudo, não faltam no reino magnificos exemplares, p. ex., as obras d'arte do convento de São Marcos nas cercanias de Coimbra, por nós descriptas em 1897 (*Revista de Guimarães*).

J. de V.

ANNEXOS

I.—SOBRE PARTE DOS TRABALHOS DA COMMISSÃO DE 1888

Ill.mo e Exc.mo Snr. —... No Relatorio apresentado á Commissão encarregada pela Ex.ma Camara de estudar a reorganisação do Museu no que diz respeito ás secções de Bellas-Artes. Archeologia e Numismatica datado de 31 de Março de 1889 e subscripto pelo vogal-relator Ex.mo Snr. Joaquim de Vasconcellos. allude-se, a pags. 16 e 17, á descoberta de assignaturas, datas e monogrammas não conhecidos em varios quadros da Galeria de arte. Do mesmo passo se affirma que se procedeu a uma classificação geral da referida galeria, depois de se haver examinado devidamente o seu estado, apreciando-lhe o valor educativo e extremando o que era menos digno de exhibição. Como para as pinturas a mesma sub-commissão (de que faziam parte, além do snr. Joaquim de Vasconcellos, os snrs. Eduardo Allen e João Marques da Silva Oliveira) coordenou os objectos de archeologia e de artes plasticas e industriaes.

Ainda n'um officio datado de 5 de Maio de 1897 subscripto pelos vogaes Oliveira e Vasconcellos e endereçado ao Conservador do Museu pondera-se, entre outros assumptos, o seguinte: «Que é tempo de

se propôr á Ex.ma Camara a impressão do Catalogo da Galeria de quadros».

Collijo, pois, que um trabalho, naturalmente penoso e lento, foi ultimado e, por virtude das pessoas que n'elle interferiram, com a competencia que a simples ennunciação dos nomes incontroversamente legitíma.

É meu parecer, em face do que acabo de expôr a V. Ex.a, que por motivo algum o Museu deve dispensar-se dos valiosos serviços já prestados por essa entidade, sendo ainda opportuno convidar a referida sub-commissão (cujo mandato não está officialmente findo) a apresentar os trabalhos que ultimou, promovendo-se seguidamente a sua publicação sob a assignatura dos seus legitimos auctores.

Afóra o tratar-se d'um trabalho rematado, não serão frequentes os ensejos que nos proporcionem a cooperação tão illustre e efficaz d'um erudito e d'um artista cujos nomes estão vinculados á historia da arte nacional com um relêvo indefectivel.

De resto nada justificaria o olvido ou a exclusão de trabalhos já definitivamente realisados como estes que aponto e outros que porventura ainda surjam por entre a documentação que actualmente coordeno para a organisação systematica do archivo.

Tomo, pois, a liberdade de propôr a V. Ex.a que seja convidado o Ex.mo Snr. Joaquim de Vasconcellos, relator da sub-commissão alludida, a dispensar-nos o trabalho effectuado, conforme se deprehende do Relatorio e officio antecedentemente referidos, concedendo-se-lhe as licenças necessarias para exames de revisão, caso d'esta careça, e promovendo-se seguidamente a respectiva publicação para proveito do publico e obvias conveniencias do estabelecimen-

to. — Deus Guarde a V. Ex.ª, Museu Municipal do Porto, 15 d'Agosto de 1900.— Ill.^mo e Ex.^mo Snr. Dr. Manoel de Sousa Avides, Dig.^mo Vereador do pelouro do Museu.—O Conservador interino, (a) Antonio Augusto da Rocha Peixoto.

Nota: A commissão nomeada em 1888 pela Ex.^ma Camara dividiu-se em duas sub-commissões: uma que se incumbiu das secções de Bellas-Artes, Archeologia e Numismatica e que elegeu seu relator o Ex.^mo Snr. Joaquim de Vasconcellos. (Vid. *O Museu Municipal do Porto, o seu estado presente e o seu futuro.* Relatorio apresentado ao Ill.^mo e Ex.^mo Snr. Luiz Ignacio Woodhouse, presidente da Commissão encarregada de estudar a reorganisação do Museu pela Sub-Commissão etc., 8.º, 64 pags., sendo 8 de Appendices. Porto, 1889); outra que se occupou das Sciencias Naturaes, elaborando o respectivo relatorio o Ex.^mo Snr. Manoel Amandio Gonçalves. (Vid. *Relatorio apresentado ao Ill.^mo e Ex.^mo Snr. Luiz Ignacio Woodhouse, presidente da Commissão encarregada de estudar a reorganisaçao do Museu Municipal do Porto.* 4.º, 30 pags., Porto, 1888). N'este *Guia* só se utilisa *parte dos trabalhos da Commissão,* ou seja da Sub-Commissão primeiro alludida.

II.—SOBRE O ESPOLIO DE SANTA CLARA

Ill.^mo e Ex.^mo Snr.—Em 24 de abril proximo findo esta Direcção Geral, officiando á Academia Real de Bellas-Artes para que enviasse um delegado ao Por-

to para escolher os objectos do supprimido convento de Santa Clara que fossem dignos de figurar no Museu Nacional de Bellas-Artes e Archeologia, *recommendou a indicação dos objectos que, por seu interesse local, merecessem figurar no Museu Municipal d'essa cidade.*

No relatorio descriptivo do convento, organisado pelo professor encarregado da selecção dos objectos, pondera-se que a fonte que occupa o centro do pequeno claustro de dentro, conjunctamente com a capella que lá existe e bem assim a porta da entrada, o tanque de cima que existe na cêrca, as columnas do refeitorio, um armario de pau santo com guarnições de metal, as figuras do calvario da capellinha arruinada da cêrca e até alguns bancos do côro de baixo são objectos que parecem de interesse local para o referido museu. Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.ª estes factos, para que V. Ex.ª se digne de communicar a esta Direcção, **quaes são d'estes objectos apontados aquelles que tenham logar no citado museu,** a fim de se transmittirem as ordens precisas ao respectivo Delegado do Thesouro, para entrega d'elles e informar sobre a conveniencia da sua remoção. devendo as despezas que occorram ficarem a cargo da Camara a que V. Ex.ª superiormente preside.—Deus Guarde a V. Ex.ª Direcção Geral da Estatistica e dos Proprios Nacionaes, em 2 de Julho de 1900.—Ill.mo e Ex.mo Snr. Presidente da Camara Municipal do Porto.—O Conselheiro Director Geral, (a) José L. Quintella Emauz Gonçalves.

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Snr.—Na conformidade das determinações de V. Ex.ª. procedí ao exame dos objectos que, por ordem da Direcção Geral de Estatistica e dos Proprios Nacionaes, o delegado da Academia de Bellas-Artes de Lisboa indicou como de interesse para o Museu Municipal do Porto. Separados de entre o espolio de caracter mais ou menos artistico que ainda se logrou encontrar no supprimido convento de Santa Clara do Porto, consituem um despojo que muito pouco se recommenda, não só estheticamente como ainda sob o ponto de vista historico. E' mesmo difficil explicar como se attribua á fonte do pequeno claustro e ao tanque outro valor que não seja exclusivamente o que porventura merecem como cantaria. As columnas jonicas de alto fuste que se encontram no refeitorio não teem, por egual, significação alguma artistica ou archeologica; além do que, se algum valor as marcasse, a sua remoção implicaria demolições, trabalhos e dispendios cuja compensação antecipadamente conviria estabelecer com precisão. Similares considerações são extensivas á porta de entrada; e quanto ás figuras do Calvario da capella arruinada da cêrca, representam ellas uma esculptura tam ingenua e barbara que nem mesmo o interesse ethnographico, como primicias d'uma estatuaria em debute, legitímam a sua acquisição.

E', pois, meu parecer que o Museu Municipal do Porto, ainda que lhe sobejasse espaço disponivel para a exhibição de novas entradas, devia regeitar os objectos alludidos.

Cumpre-me ainda não occultar a V. Ex.ª a estranheza promovida pela attribuição «de interesse local» a objectos radicalmente incaracteristicos e, sob o ponto de vista generico da arte, destituídos de valo-

res minimos. Apenas aproveitaria á instituição municipal a talha da capella do claustro, a qual depois de restaurada, poderia opportunamente adaptar-se nas novas e projectadas installações do Museu. E, como utilidade pratica, justificar-se-hia ainda a acceitação dos bancos do côro e do armario dito de pau santo.

Resumindo, offerece-se-me manifestar a V. Ex.ª que ao Museu Municipal conviriam:

A talha da capella do claustro

Os bancos do côro

O armario dito de pau santo com guarnições de metal.

E do mesmo passo que se communicasse á Direcção dos Proprios Nacionaes a curta lista dos objectos que nos seria grato receber, conviria exarar o pedido de auctorisação para a escolha e extracção de varios padrões de azulejos ornamentaes do seculo XVII ou principios do XVIII que ainda restam e se acham disseminados ao acaso pelo edificio do convento extincto. - Deus guarde a V. Ex.ª Museu Municipal do Porto, 16 de Julho de 1900.—Ill.mo e Ex.mo Snr. Dr. Manuel de Souza Avides, Dig.mo Vereador do pelouro do Museu.—O conservador interino (a) Antonio Augusto da Rocha Peixoto.

Nota: Póde considerar-se o espolio como dividido em tres partes: uma, que foi para o Museu das Janellas Verdes; outra, constituída pelos objectos indicados pelo delegado do Governo como uteis para o Museu Municipal do Porto; a terceira, por fim, formada por outros objectos que o mesmo delegado propoz fossem leiloados. Ao delegado escapou a magnifica serie de azulejos polychromicos do seculo XVII que o Museu ainda poude alcançar, mercê de incomportaveis canceiras. (Vid. *Annexo* n.º 3).

III.—A BENEFICIAÇÃO, O ACTUAL ESTADO E O FUTURO DO MUSEU

Ill.^mo e Ex.^mo Snr.—Póde considerar-se ultimada a beneficiação por mim proposta em officio de 14 de julho do anno findo e ulteriormente approvada pela Ex.^ma Camara em sessão dos mesmos mez e anno. O relevo com que procurei destacar a deploravel situação do Museu avultou sobremodo a par e passo que se procedia á beneficiação alludida. Por mais vivas que se affigurassem as expressões com que exhibí então o inexorimivel estado d'esta instituição municipal, os trabalhos subsequentes vieram mais ainda confirmal-as. E do que se fez dou conta a V. Ex.ª, agora que uma especie de inventariação summaria torna licita a apreciação mais segura da situação d'este estabelecimento educativo.

Eu propuzera a eliminação dos exemplares de zoologia em manifesto estado de deterioração; houve, porém, que generalisar essa medida a todas as series de animaes empalhados ou conservados em alcool, e bem assim aos mantidos a secco, como alguns insectos, crustaceos e celenterados, uma vez que, examinados lento e lento e sob um ou outro aspecto, a mesma causa determinava radicalmente uma annullação extensiva a todos os grupos. Mantiveram-se pois e apenas os numerosos exemplares da secção conchyliologica, exclusão sómente d'alguns gasteropodes pulmonados e certos pelecypodas fluviaes em estado de destruição completa.

Os especimens, em numero de varios milhares, foram limpos peça a peça, restaurando-se do mesmo passo o mobiliario respectivo, substituindo-se algu-

mas travessas e dando aos fundos um revestimento uniforme. Esta secção é uma das mais consideraveis do Museu e, em grande parte, encontra-se classificada, tendo mesmo sido impresso o catalogo do maior numero dos univalves. Carece, porém, opportunamente, d'uma revisão geral, trabalho esse que, além de merecer a competencia d'um especialista, será naturalmente laborioso e lento.

Da collecção zoologica é o que resta. Sem gabinete taxidermico e com a exiguidade de recursos e de pessoal que se sabe, este departamento do Museu nunca teve significação de vulto; por fim, ao termo de muitos annos, todo o agglomerado occasional dos especimens expostos teria que acabar, como acabou, pela incineração ou inhumado.

A collecção mineralogica exhibe mais apparencias do que valores. Grande multiplicidade das mesmas especies, carencia d'outras e numerosas, fraca representação de minerios metallicos, quasi ausencia de combustiveis e indigencia minerographica no que diz respeito á metropole e ás colonias, toda esta serie exprime o espirito inicial do curioso e do amador.

A lithologia e a paleontologia, incomparavelmente mais escassas, teem um valor menos que medíocre. Emtanto todas estas amostras petrologicas se encontram n'um estado de relativa conservação e nomeadamente depois que, como para as conchas, se procedeu á limpeza de todos os especimens e ás reparações indispensaveis nos mostradores e armarios.

Das collecções restantes tudo se conservou, approximadamente, e apenas se realisaram as alterações de disposição compativeis com as inexoraveis deficiencias de alojamento. A ethnographia, a archeolo-

gia, a numismatica e a arte decorativa e industrial, mais ou menos extensamente representadas, foram objecto do mesmo desvêlo e beneficiação obrigando parallelamente a reparos nas vitrines e a revestimentos dos mostradores. Para as moedas e medalhas houve que effectuar alterações na distribuição geral, adquirir novos taboleiros e sessenta e seis varas de junquilho para as guarnições, renovar, na maxima parte, o revestimento do papel-velludo e substituir cincoenta e duas fechaduras das estantes, por motivos de manifesta segurança.

Esta secção, pelo seu valor estimativo e intrinseco, foi das que mereceu maior cuidado e, a um tempo, occasionou maior labor. Será, por egual, o seu estudo um dos primeiros a emprehender-se, no intuito da realisação definitiva do catalogo respectivo, para o qual, emtanto, o esclarecido conservador extincto legou bastantes subsidios e notulas.

Semelhantemente se procedeu para a secção de artes decorativas e industriaes, agrupando-se logicamente os objectos existentes, adquirindo-se cartonagens especiaes para resguardo da interessante collecção de leques e iniciando-se a numeração de todas as series Nas reduzidas secções de archeologia pre e proto-historia e bem assim na de ethnographia houve que realisar identicos serviços.

De toda a existencia, porém, a que originou mais demorado esforço foi a galeria de arte. Tornou-se necessario, com a precaução e escrupulos manifestos, baixar a totalidade dos quadros e proceder á sua delicada beneficiação, um por um. Derivativamente substituiram-se muitos dos suspensorios de ferro, na grande maioria em mau estado; e como houvesse a rebocar as paredes do predio, semelhante trabalho

obrigou a uma multiplicação de desvelos e canceiras. Por fim a substituição de mais de seiscentos numeros foi outra necessidade complementar dos serviços alludidos

Dois novos pedestaes para duas estatuas, substituição dos supportes do sarcophago romano, dispensa de quatro estantes n'uma lastimavel situação de ruina. breve passagem exterior a oleo do mobiliario e caiação das paredes no tom anterior, completam a serie de trabalhos emprehendidos, postos de banda, naturalmente, os instantes e frequentes pequenos serviços que surgiram e cujo registro pormenorisado julgo prolixo exarar. Este labor, que occupou o pessoal durante sete mezes, proximamente, é dos que não brilham fulgurantes. Apesar de se proceder já, sempre que foi possivel, n'um intuito attinente ás ulteriores classificações e systematisação geral, logo que — está bem de vêr — as circumstancias de alojamento e de recursos o permittam, o que se fez consistiu principalmente em salvar o que havia de valido. E a prova de que em breves annos muito mais estaria perdido encontra se na situação que obrigou a carrear para a fogueira e para o enterramento muitas centenas de objectos completamente apodrecidos. O estado geral era miserrimo! E não só o pessoal officialmente adstricto a estas funcções, como o extraordinario, convieram, em face do que se nos antolhava, que o Museu não era limpo, certamente, havia 50 annos!

O hiato apparente nos progressos do estabelecimento não foi, todavia, e apesar da locubração que me absorveu, completamente esteril. Além do que fica implicitamente indicado a pequena secção de paleoethnologia está quasi completamente classificada

e em grande parte encontram-se já colleccionados os documentos existentes para a revisão das moedas romanas da Republica e do Imperio. O guarda do Museu tem continuado, n'um ou n'outro vagar intercadente, a elaborar o seu judicioso catalogo sobre as moedas da Africa e da India portuguezas.

E como convidasse o Ex.mo Snr Joaquim de Vasconcellos, na conformidade d'uma auctorisação superior, a apresentar os seus trabalhos ácerca de varias secções cujo catalogo o eminente publicista elaborára, em grande parte, como relator d'uma commissão para tal nomeada pela Ex.ma Camara (assumpto circumstanciadamente notificado no meu officio de 15 de agosto de 1900) a publicação referida não se fará tardar. O illustre critico d'arte tem-a quasi ultimada e a elle lhe cabe, entre outros serviços em que cooperou, a systematisação dos objectos d'arte industrial e decorativa. Esta collaboração, prestimosa por muitos titulos, é tanto mais para encarecer quanto é certo que um museu de tão multiplos horisontes se encontra com um pessoal reduzido ao minimo, emquanto lá fóra, além de funccionarios idoneos para as varias secções, não rareiam os collaboradores espontaneos que assumem graciosamente a incumbencia do estudo d'um ou outro ramo.

Do meu officio de 16 de julho de 1900 consta a lista dos objectos escolhidos nos despojos do convento de Santa Clara, do Porto, especificadamente indicados na circular da Direcção dos Proprios Nacionaes, d'entre os quaes, e só d'elles, nos era licito escolher os que tivessem algum interesse para o Museu. Limitada assim a nossa escolha, sem embargo logrei ainda obter auctorisação para extrahir alguns padrões de azulejos.

E felicito-me pela fortuna que coroou os meus esforços de então. Temos já representados no Museu 51 padrões de azulejos dos seculos XVII e XVIII, sendo 27 polychromicos e 24 monochromicos, alem de 32 typos de orlas, 24 dos primeiros e 8 dos segundos. Sobretudo nos primeiros a nossa collecção fica sendo das mais completas do paiz. Mas o que ainda realça o valor d'esta acquisição afortunada é a organisação de 16 grandes quadros muraes destinados a ornarem opportunamente os annexos da installação projectada para alojamento futuro do Museu Só deploro que viessemos tarde, infelizmente, para a obtenção de documentos similares. Este foi o ultimo convento extincto da diocese; e portanto nada nos resta a esperar das *épaves* artisticas que, em remate, sobejassem.

Não foi esteril, pois, esta intercadencia promovida pela beneficiação instante das collecções municipaes Logo a principio cessou a consideração das horas regulamentares para se trabalhar, frequentemente, de sol a sol, mesmo em certos dias de gala e de guarda. O mesmo succedeu quando foi necessario interromper este serviço e deslocar o pessoal para o convento de Santa Clara. E esse pessoal consistia apenas no guarda do Museu, Manuel Joaquim Pereira e no servente da Ex.ma Camara, para esta repartição destacado, José Duarte A estes obscuros trabalhadores assistem os melhores elogios pela assiduidade, dedicação e interesse que manifestaram, sem galardão algum que os estimulasse, a não serem os seus bons desejos em que se remediassem quanto antes os damnos de tão remota data.

Consigno. pois, os relevantes serviços d'estes modestissimos funccionarios, um dos quaes, o guarda,

ainda se distingue pelas suas aptidões e cultivo da numismatica.

Ultimados, por fim, estes trabalhos e uma vez que a remoção para melhor alojamento não pode effectuar-se já, julgo conveniente que se reabra o Museu, não sem significar que penosamente exaro esta proposta. E para salvaguarda d'um decôro elementar considero indispensavel que se notifique ao publico a situação de *Armazenagem provisoria* em que o Museu vae ser exposto.

Effectivamente as condições do predio e mobiliario não podem ser mais impeditivas de qualquer especie de trabalhos concernentes ao objectivo d'este instituto.

A orientação da entrada do edificio, n'uma rua de transito como a Restauração, dá logar a uma invasão permanente de poeiras que, entre outros males, offerecem o de accelerarem a damnificação geral da mobilia e collecções. No pavimento terreo existe um armazem de vinhos; de sorte que, pelos serviços n'elle realisados, um dos perigos mais gravosos e irremediaveis é uma explosão. Além de que o concerto frequente do vasilhame, occasionando a trepidação do pavimento da terceira sala, desloca constantemente a numeração do medalheiro portuguez obrigando nos a desistir, por inutil, de mantermos a sua ordenação e estabilidade.

A falta d'uma dependencia de retem obrigou-nos a transportar para o edificio da Bibliotheca a maior parte dos azulejos alludidos, os moveis e talha egualmente obtidos em Santa Clara, as estantes dispensaveis do Museu. Lá se encontra tudo esparso nos corredores, em predio já atulhado com as posses que lhe são peculiares. Ha muitos annos já que no proprio

edificio dos Paços municipaes se conservam muitos quadros que no Museu não teem logar para collocação. Ora estando impedido de comportar a existencia actual, sequer, a accumulação de mobilia n'um edificio assim exíguo, difficulta até os mais insignificantes serviços de expediente. Escreve-se sobre os vidros das vitrines, porque não temos mezas e só ha duas cadeiras. Como estudar, pois, e classificar? Onde dispor as obras de consulta? Onde ordenar regularmente as series para exame, de mais a mais com o regimen tradicional da abertura diaria ao publico? E abstrahindo d'este inconveniente indefectivel como fiscalizar, com o pessoal que temos, a segurança de valores esparsos por cima das estantes e á mão de todos? Não póde ser mais precaria a situação d'esta dependencia municipal, originando até por vezes episodios pittorescos. Assim, como até ha pouco existisse só um guarda, se acontecia sobrevir-lhe uma necessidade imperscriptivel, fechava o Museu para sahir, uma vez que não havia com quem compartilhasse a responsabilidade attribuida a este unico funccionario alli presente.

A reabertura n'este edificio só é aconselhavel, pois, para não prolongar demasiadamente a especie de sequestro das collecções municipaes aos interessados que, por ventura, hajam de examinar o que alli existe. Mas como armazenagem provisoria, apenas. Ao deante, em mais adequado alojamento, a installação devia obedecer, não ao caracter de *Cabinet d'amateur* que lhe imprimiu, na indole da epocha, o seu illustre iniciador, mas a um proposito seguro e nitido embora limitado em horizontes Effectivamente a feição encyclopedica d'este estabelecimento é hoje impraticavel por todos os titulos. E se o não fôra por moti-

vos superiores, bastava a consideração dos recursos e do pessoal que reclamava para attenuar, n'uma justa medida, as aspirações mais generosas. Para dar uma breve ideia da impossibilidade de manutenção em tal espirito, occorre-nos, como exemplo a existencia de collecções de Sciencias Naturaes, sem um Gabinete taxidermico para a Zoologia, sem Laboratorio de ensaios para a Mineralogia, sem estantes e depositos para herbarios, sem naturalistas, sem preparadores e, acima de tudo, sem os recursos que, embora humildes, exigem a conservação e os progressos d'um estabelecimento d'esta indole. Opportunamente, porém, uma remodelação formal impôr-se-ha inevitavel.

Não deixarei ainda de assignalar que algumas das collecções a conservar, como as de Antiguidades, por exemplo, podiam accrescer desde já, ou por trocas, ou por dadivas. Ha meios de promover a contribuição da benemerencia, quando muito pela forma de depositos e hoje, principalmente, que tem crescido o numero de antiquarios. Mas para que promovel-a, por emquanto, se não ha possibilidade de alojar novas entradas?

Todas estas considerações e outras interferentes justificam o empenho com que, felizmente, se cuida de dar remedio a esta lastimavel situação do Museu. Não ha duvida que o extincto Conservador manifestou qualidades eminentemente sabedoras e lucidas no immenso affan que o absorveu em estudos de collecções tam desconnexas e multiplas; por isso mesmo o labor consagrado mais destaca a sua physionomia de sabio timido e resignado.

Outras circumstancias, porém, explicam o estado actual, naturalmente inspirador d'uma remodelação acertada e fecunda. Deus Guarde a V. Ex.ª Porto e

Museu Municipal, 10 de Abril de 1901. Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Snr. Dr. José Thomaz Ribeiro Fortes Junior, Dig.^mo^ Vereador da Ex.^ma^ Camara. O Conservador interino (a) Antonio Augusto da Rocha Peixoto.

IV. — PUBLICAÇÕES DO MUSEU

Eduardo Augusto Allen. *Regulamento interino do Museu da cidade do Porto, especialmente em relação aos visitantes e ao serviço dos empregados.* 8.º, 8 pags. Porto, 1853.

—*Catalogo provisorio da Galeria de pinturas no novo Museu Portuense, o Museu Allen...* 8.º, 82 pags. Porto, 1853.

—*Catalogo systematico da collecção de molluscos e suas conchas pertencente ao Museu Municipal do Porto...* Parte 2.ª (Classe dos *Gasteropodes).* 8.º, 232 pags. Porto, 1856-58.

—*Noticia e descripção de uma moeda inedita cunhada pelos wisigodos na cidade do Porto em fins do* VI *seculo.* . 8.º, 16 pags. Porto, 1862.

· *Monnaies d'or suévo-lusitaniennes* (De collaboção com Henrique Nunes Teixeira e inserto na *Revue Numismatique*, nov. serie, tom. x) Separata in 8.º, 15 pags. e 1 pl. com 9 figs. dupl. Paris, 1865.

—Noticia e descripção de um sarcophago romano descoberto ha annos no Alemtejo e recentemente comprado pela cidade do Porto para o seu Museu municipal. 8.°, 32 pags. Porto, 1867.

J. Pereira Leite Netto. *Catalogo das moedas arabes existentes no Museu municipal portuense, descriptas, classificadas e ordenadas chronologicamente.* 8.°. 19 pags. Lisboa, 1882.

Manuel Joaquim Pereira. *Medalhas e condecorações portuguezas e algumas estrangeiras referentes a Portugal que possue o Museu municipal do Porto,* 8.° 108 pags. Porto, 1898.

—Catalogo das moedas da India e Africa portuguezas que possue o Museu municipal do Porto, 8.°, 35 pags. Porto, 1901.

Relatorio apresentado ao Ex.^{mo} Snr. Luiz Ignacio Woodhouse presidente da Commissão encarregada de estudar a reorganisação do Museu Municipal do Porto, por M. Amandio Gonçalves. 4.°, 30 pags. Porto, 1888.

O Museu Municipal do Porto, o seu estado presente e seu futuro. Relatorio apresentado ao Ill.mo Ex.mo Snr. Luiz Ignacio Woodhouse, presidente da Commissão encarregada de estudar a reorganisação do Museu pela Sub-Commissão encarregada das Secções de Bellas-Artes, Archeologia e Numismatica (Relator: Joaquim de Vasconcellos) 8.°, 64 pags. Porto, 1889.

EM PREPARAÇÃO

(Do pessoal e collaboradores do Museu)

Catalogo geral illustrado da Galeria de Pintura
Catalogo descriptivo do medalheiro romano
Catalogo das moedas nacionaes
Os padrões de azulejos do Museu do Porto

Nota.—As publicações mencionadas em quarto e quinto logar, posto que não sejam de procedencia official, interessam particularmente a secção de numismatica do Museu. Quanto aos dois relatorios indicados encerram elles subsidios de especial interesse para a reorganisação e historia da instituição educativa a que alludem. Pode ainda ser consultada a tal respeito, principalmente pelo material bibliographico, a *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, pags. 206-7, n.º 20, tom. v. Porto, 1898.

INDICE